

**Revista do Centro**

**Mattogrossense de Letras**

1925 - 7

6

REVISTA DO CENTRO MATO-GROSSENSE DE  
LETRAS

ANO: 1925 – ANO: IV - Nº 7

FRM  
M 410

440

# Revista do Centro Mato-grossense de Letras

ANNO IV      JANEIRO A JUNHO DE 1925      NUMERO VII

Publicação Semestral

## SUMMARIO

- 'As Erynnias—poema de Leconte de Lisle—tradução de Augusto Cavalcanti
- Elogio de Frederico Prado—pelo socio João Cunha
- O mal de escrever—José de Mesquita
- Casa de Telha—soneto—D. Aquino Corrêa
- Angelus—soneto—Oscarino Ramos
- O seringueiro—soneto—Lamartine Mendes
- Meu Sonho—soneto—Soter de Araujo
- Gloria!—soneto—Allyrio de Figueiredo
- Caminhos da vida—Cesario Prado
- Scenas de campo—Alcindo de Camargo
- Paginas contemporaneas :  
O Mexico—Cesario Prado
- Paginas esquecidas :  
Historia do sertão—Vieira de Almeida
- Paginas dos novos:  
Anatole France—Cesario Neto
- Centro Mato-grossense de Letras—Relatorio do anno social 1923—1924
- Regimento interno do " Centro Mato-grossense de Letras "
- Bibliographia
- Publicações recebidas

# AS ERYNNIAS

(Leconte de Lisle)

Ao exmo. sr. dr. Virgilio A. Corrêa Filho

## PERSONAGENS

AGAMEMNON, rei de Argos.

ORESTES, filho de Agamemnon e de Clytemnestra.

TALTHYBIOS. }  
EURYBATES. } Do Côro dos Anciãos.

O VELADOR.

CLYTEMNESTRA, mulher de Agamemnon.

ELECTRA, filha de Agamemnon e de Clytemnestra.

CASSANDRA, filha de Priamo, prophetisa e prisioneira de  
Agamemnon.

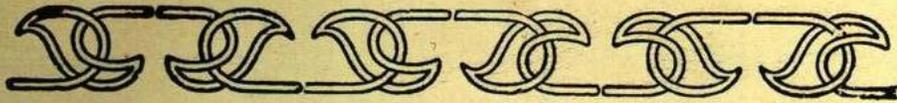
CALLIRHOÉ. }  
ISMENA. } Escravas.

Um servidor. — As Erynnias. — Côro dos Anciãos.

Côro das Khoephoras.

Guerreiros. — Marinheiros. — Prisioneiros. — Prisioneiras.

Mulheres de Clytemnestra. — Povo.



# AS ERYNNIAS

---

PRIMEIRA PARTE

---

## CLYTEMNESTRA.

O portico exterior do velho palacio de Pelops. Architectura pesada. Columnas conicas, refeitas e sem base. Ao fundo, Argos, entre as columnas. A scena é sombria. As Erynnias, altas, pallidas, magras, com longas vestes brancas, os cabellos esparcos sobre a face e o dorso, vão e vêm. O dia desponta. Todas desaparecem.

Os anciãos argivos, apoiados em altos bastões, entram pelo fundo e se separam em dois meio-coros, á direita e á esquerda. Talthybios e Eurybates dão alguns passos para a frente, um para o outro.

## I

## TALTHYBIOS, EURYBATES,

## O Cêro dos Anciãos.

TALTHYBIOS.

Caros anciãos, bem longo um decenio se encerra  
Que elles partiram, vêde, os Reis das náos de guerra,  
Levando, entre tufões, os homens, ó desgraça !  
Da Hellade immortal, da sua antiga raça,  
Que, como aves de presa, em remigio na aurora,  
Batiam com cem mil remos a agua sonora.  
Nenhum guerreiro ou chefe ha regressado ainda !

EURYBATES.

Deuses, tantos heroes e uma armada tão linda !

TALTHYBIOS.

Quantas boccas mordendo o chão que, em sangue, fuma,  
Quantos corceis mascando uma suprema escuma,  
Quantas lanças rompendo a curva dos broqueis,  
Carros quebrados sem os seus guias fieis  
E clamores febris ao choque do armamento !

EURYBATES.

Por uma mulher, Zeus, quanto sangue e tormento !

TALTHYBIOS.

Velhos, curvados já, sem forças, o ar tremente,  
Ficamos junto ao lar extinto, nós somente ;  
Mas nossos filhos são mortos na flôr da idade !

EURYBATES.

Somos espectros hoje em plena claridade.

TALTHYBIOS.

Nosso divino rei não voltará da viagem!  
Que libações de vinho ou salsa beberagem  
E que coxas de bois, gorja, dissei-me agora,  
Abrandarão jamais a Erynnia vingadora  
Que ronda noite e dia esta casa, este antigo  
Antro de odio e traição, execravel abrigo  
Dos crimes que em seu seio ha muito se têm dado?

EURYBATES.

Silencio! que impotente é hoje nosso brado!  
A mulher que governa e tem um genio insano  
Não mais espera o heroe que succumbiu no oceano  
Ou o Troiano venceu nos combates extremos.  
Tenhamos sobre a lingua um boi: silenciemos!

TALTHYBIOS.

E o joven a quem cabe este paço vetusto?  
Seu direito é a vergonha, é o opprobrio injusto  
De viver como escravo e sob a adversidade  
De não mais ver seu povo e nem sua cidade,  
Ai!

EURYBATES.

Ai de nós!

TALTHYBIOS.

O' Zeus, que estaes no ethereo assento  
Dos montes, cujo olhar não se cerra um momento,  
Que, carregando o cenho, acurvas as cabeças  
Sob o negro estridor das tormentas espessas,  
O' Dæmon muito augusto e sempre envolto em brilho,  
Ouve-nos! Olha o pae como tambem o filho!

## II

*Os precedentes, O VELADOR.*

O VELADOR, entrando precipitadamente

É elle! Eu vi-o bem! O sacro fogo ondeia,

É elle ! O Danaense acommetteu a preia,  
 E sob os Deuses tomba essa Troia famosa !  
 O' sangrento esplendor da lucta victoriosa,  
 Que vaes de monte em monte, em meio do negrume  
 Da noite, salve ! pois, salve, glorioso lume,  
 Que sob a chuva, á luz das estrellas, velando,  
 Eu tanto procurei com a vista, e desde quando !  
 Vejo a Phrygia dobrar neste instante a cerviz,  
 Pátria, sob os talões de teus filhos viris ;  
 Destruída a muralha e a torre que se rende,  
 A aurora do regresso eis para nós que esplende !

TALTHYBIOS.

Que dizes, insensato, e que sonho te illude ?  
 Nosso Rei jaz sem vida entre o inimigo rude ;  
 Nenhuma voltará das pessoas amadas.

EURYBATES.

E' o fogo de um pastor que brilha nas cumeadas,  
 Ou um rubro fuzil do Kronida.

O VELADOR.

Não, certo !

Eu estava de pé, velando bem desperto.  
 Não ! a ultima pyra, a mais alta, ainda brilha  
 Em longo turbilhão nas nuvens de escumilha :  
 É o signal a romper de Troia incendiada.  
 Attesto ! Ella cahiu sob o poder da armada  
 E o senhor nosso Rei, de gloria se inebria !

III

*Os precedentes,* CLYTEMNESTRA.

CLYTEMNESTRA.—Entra seguida de suas mulheres.

Faz um gesto.—O Velador sae.

Elle diz bem, anciãos, exulto de alegria.  
 Qual torrente hibernal sobre os desertos plenos,  
 Os Deuses teem ateado a furia dos Hellenos.  
 A lança á mão, no olhar a raiva, a injuria aos dentes,  
 Sobre os templos senis, sobre os paços ardentes,  
 Que um incendio tenaz com mil chammes devora,

Ouço torvelinhar Pallas devastadora,  
 E a grei clamar, cahir em cumulos despertos,  
 E gritarem as mães de horror, quando seus berços,  
 De altos tectos em fumo, echoando nos lageados,  
 Banham de um sangue fresco a alparca dos soldados.  
 Ah! é doce a victoria e a vingança, está visto!  
 Rendei graças, anciãos, aos Deuses por tudo isto.  
 Por elles quanta vez prendi-me aos sonhos leves!  
 Mas cumpre pagar bem nossos triumphos breves,  
 E um decenio pouco é de anciedade, por certo,  
 Quando vamos colher o premio que está perto.  
 Sim! o Senhor, o Esposo, o Rei das naves validas  
 Volta ao negro solar dos invictos Tantalidas,  
 E aquí me encontrará, como é conveniente!

## TALTHYBIOS.

Clytemnestra, mulher do soberano ausente,  
 Que mandas num paiz assim grato aos Dæmons,  
 Confessamos, Rainha, os teus termos são bons,  
 Mas a esperança é moça e temos muita idade!

## EURYBATES.

O ineffavel porvir pertence á Divindade.  
 O enxame muita vez das visões mais radiosas  
 Nos illumina a paz das noites silenciosas,  
 Teme a aurora que vem, Rainha, e o despertar.

## CLYTEMNESTRA.

Sou o infante que chora ou ri, quando a sonhar?  
 Basta! meu olhar viu pelos vossos cançados.  
 Entoa e o hymno solemne aos Bemaventurados,  
 Porquanto já fallou a flamma que não mente,  
 A frota ja fendeu o Poseidon f'remente  
 E seu bronzeo esporão se enterra no areal.  
 O nosso chefe, pois, se approxima, o immortal  
 Porta-sceptro, a quem Zeus concede hoje a alegria  
 Do regresso, mas não ver viva, á luz do dia,  
 A joven que verteu, facilmente immolada,  
 Seu sangue, p'ra que fosse a Hellade vingada,  
 Essa primeira flôr aberta aos olhos meus,  
 Como um caro penhor da bondade de Zeus,  
 E a quem o coração e os labios, desta sorte,  
 Chamavam Iphigenia, em magico transporte!  
 O que devia ser está já feito. E o olvido  
 Convem ao homem quando está tudo cumprido.  
 Hosannas! Troia está em poder dos Hellenos.  
 A Argos toda o direi, e vou neste comenos,  
 Fazer, sob este céu, da aurora ao sol poente,  
 De cem touros manar o sangue negro e quente.

Sae.

## I V

## TALTHYBIOS, EURYBATES,

## O Cérebro dos Anciãos.

## TALTHYBIOS.

Deuses, cuja vingança os crimes acompanha,  
Si o fogo agora luz de montanha em montanha,  
E que vou ver o Rei tudo agora me attesta,  
De onde vem o terror que a carne me molesta ?

## EURYBATES.

O' vós que conduzindo as estações e os dias,  
A Argos fazeis voltar e ás casas luzidias  
O altivo domador dos tiros esplendentes,  
Não ouse vos louvar, Deuses dos ascendentes !  
Sob um funebre dedo estão meus labios mudos.

## TALTHYBIOS.

Sombras dos velhos Reis, entes de gestos rudos,  
Que de manso levaeis sobre os hombros e os dorsos,  
Como pesada carga, os fardos dos remorsos,  
Porque é que me envolveis de furiosos esgares ?  
Faces dos mortos sobre a planicie aos milhares,  
E na noite sinistra, entre os cães uivadores,  
Que é que assim me inquiris, ó Phantasmas, ó dôres !

## EURYBATES.

Ai ! que me queres tu que a Patria seduzias,  
Joven Virgem, nutrida em meio de alegrias,  
Que augmentavas em graça, assim como em pureza ?  
Tua carne sangrou sobre o altar da fereza !

## TALTHYBIOS.

A Cidade injuriante é nossa, Deuses justos !  
Eis destruidos por vós os seus muros robustos,  
A cidadella posta ao nivel do caminho,  
E até Argos trazido um morno torvelinho  
De vencidos, vil tropa, em fim, de miseraveis !  
Mas me opprime um pesar, Deuses inevitaveis,  
Vingadores fieis longamente invocados !  
Os velhos crimes não foram todos vingados.

EURYBATES.

Ouço um rumor que rola, immenso, e que dir-se-ia  
Ser o mar.

TALTHYBIOS.

E' verdade. Elle que é que annuncia ?

EURYBATES.

Um grito de victoria, anciãos, e alacridade  
Se mistura ao rumor dos carros da cidade !  
E' o Rei, alvo assim de ovações estridentes.

TALTHYBIOS.

Preserva-o, caro Zeus, das Erynnias démentes !

EURYBATES.

Uma desgraça occulta o coração me cerra.  
Deusas, que frequentaes os abysmos da terra,  
Dae-lhe á vida, em seu fim, dias bons e joviaes !

V

Os precedentes, **CLYTEMNESTRA,**  
**Agamemnon, Cassandra,**  
Guerreiros, marinheiros, mulheres de Cly-  
temnestra, prisioneiros, prisioneiras.

CLYTEMNESTRA.

O' Rei ! transpõe o humbral antigo de teus paes.  
Entra vivo e glorioso, ó ser grato aos viventes  
E aos Deuses, salvo já das borrascas frementes  
E dos raios de Zeus, assim como das lanças !  
Caro homem que seguí com prantos e esperanças,  
Destruidor de Troia, amparo dos Acheos !  
Quando, longe da Patria, ó Senhor, e dos teus,  
Nas planícies, ao som de instrumentos insanos,

Guiavas á muralha ingente dos Troianos  
 Um grande turbilhão de homens e de corceis,  
 Solitaria, á mercê de meus males crueis,  
 A errar de sala em sala, entre as sombras, o ouvido  
 Attento das visões funebres ao ruído,  
 Eu ouvia gemer o palacio gigante ;  
 E com o interno olhar na sombra penetrante,  
 Eu erguia ante mim silenciosa e lenta,  
 Tua forma sem côr, tua imagem sangrenta !  
 Que pode a triste viuva, ó céos ! de um tal marido ?  
 Por isso, ó Rei, teu filho, aquelle que hei nutrido,  
 O herdeiro de teu sceptro e das riquezas reaes,  
 Vive de Argos distante e de embustes fataes.  
 Tu o verás. Dissipou-se essa quadra sombria  
 De sonhos só de horror, em que me consumia  
 E em que se me antolhava eterna a expectativa.  
 Eis o homem ! Eis aqui a sentinella activa  
 Do lar, esse que me é mais doce e mais sagrado  
 Que ao viajante longinquo e de sêde abrasado  
 O fresco borbulhar da fonte que o convida !  
 Vem, orgulho da Grecia e, pois, de minha vida,  
 E pisa altivo, ó Rei, como os triumphadores,  
 Esta purp'ra que leva ao paço dos maiores !

*As mulheres de Clytemnestra estendem tapetes de purpura  
diante de Agamemnon.*

#### AGAMEMNON

Argos, eu te saúdo, assim de luz vestida !  
 Salve templos, casaes, povo, patria querida !  
 E vós que do baldão, como do desagrado,  
 Preservastes meu tecto, ha tanto já deixado,  
 Zeus ! Hermes ! Phebo, Deus das settas e dos hymnos,  
 Eu vos saúdo, em fim, meus amigos divinos,  
 Que na rêde de um arduo e solido tecido  
 Haveis feito cahir um povo espavorido,  
 E ainda permittis, pelas noites de assombros,  
 A tormenta do fogo ondear sobre os escombros !  
 Em quanto a ti, mulher, fallaste sem pensar:  
 Entrarei simplesmente em meu altivo lar ;  
 Quero que me honrem, não como um Deus, nem me tomem  
 Por um barbaro Rei, hostil, mas por um homem ;  
 Sabendo bem que a Inveja irritada hoje em dia,  
 Ronda, ás vezes, na sombra, em torno da alegria.  
 Mulher ! convem ser sobrio e conservar a calma.

#### CLYTEMNESTRA.

Consente, amado Rei ! Tenho esse intento n'alma.  
 Foram-se os dias máos ; meu coração ancioso  
 Quer agora te honrar como Senhor e Esposo  
 E vingador da Grecia. A ti, heroe na lucta,  
 Esta purp'ra é devida e aos ceos apraz.

## AGAMEMNON.

Escuta,  
 Mulher ! Guarda em teu seio o que digo: obedece !  
 O solo do paiz, pobre e amado, me off'rece  
 Uma estrada melhor, mais sumptuosa e larga.  
 Conduzi, sem dobrar o dorso, a rude carga  
 Dos dias, do labor que aos Deuses é devido,  
 E não quero ao voltar mais que a amisade ; o ruído  
 Das lisonjas dispenso e da ovação servil.

*Mostrando Cassandra.*

Attende a esta agora. O destino febril,  
 Sob os passos triumphaes abre a voragem treda  
 E aquelle que ergue a fronte é mais proximo á queda.  
 Seja a teu lado, pois, filha de Leda, suave  
 A sorte da estrangeira, o seu mal menos grave ;  
 Pois o Ceo tem prazer vendo o senhor melhor,  
 E o sangue dos heroes ha nutrido esta flôr  
 De uma arvore real, despida folha a folha.  
 Entro. A casa a sorrir, neste instante me acolha,  
 Vivo como sahi das mãos guerreiras de Ares !  
 Recebei-me, portanto, agora Deuses Lares !

*Entra no palacio, seguido dos guerreiros, dos mari-  
 nheiros, dos prisioneiros e das prisioneiras.*

## V I

## CLYTEMNESTRA, CASSANDRA,

Talthybios, Eurybates.

O Côro dos Anciãos, Mulheres de Clytemnestra.

## CLYTEMNESTRA

Vem. Cassandra ! De certo, é bem pesado e hostil  
 O jugo da desdita e a condição servil.  
 Mas teus amos são bons, te acolhem com prazer,  
 Apiedados de ti. Vem comigo.

*Cassandra fica immovel.*

## TALTHYBIOS.

O' mulher,

Não ouves a Rainha ?

EURYBATES.

Obedece ao chamado.

CLYTEMNESTRA.

Está muda e dir-se-ia um corpo inanimado.  
 Não te posso esperar mais, Escrava! Vem logo!  
 Os anhos balem já presos próximo ao fogo,  
 Os touros, tendo o ornato em volta dos topetes,  
 Vão mugir, estendendo as linguas violêtes.  
 Mescla-se o vinho ao mel, como o sal e a cevada;  
 O balsamo fumega, e a lamina sagrada,  
 Entre os vasos de prata, ostenta seu lavor.

*Cassandra permanece immovel.*

Certo, esta louca tem nos olhos o furor  
 De um animal bravio, estando ainda fremente.  
 Vai! Por-te-emos um freio eburneo e aureo, que assente  
 Em ti, filha de Reis! e de uma espuma após  
 O sujarás, que ostente esse animo feroz!

*Entra no palacio, seguida de suas mulheres.  
 Cassandra fica immovel.*

## VII

TALTHYBIOS, EURIBATES,

O Côro dos Anciãos, Cassandra.

TALTHYBIOS.

Escrava, por ventura ignoras nosso idioma?

CASSANDRA.

Deuses, o copo é cheio e eis que meu dia assoma.

EURYBATES.

Desditosa! Porque gemes assim absorta?

CASSANDRA.

Não me achar victimada, ó Deuses, e já morta !  
O Hades fatal me chama em seu funebre tom.  
Onde estou ?

TALTHYBIOS.

No real paço de Agamemnon.

CASSANDRA.

O' casa dos mortaes e Deuses detestada !  
Em que antro sanguinoso, Apollo, em que morada  
Me lançaste ?

EURYBATES.

E' um cão farejando o perigo !

TALTHYBIOS.

Dir-se-á que sente o odor de um morticinio antigo,  
Ou que um sopro augural lhe molesta as narinas.

CASSANDRA.

Que a negra habitação pende e cae em ruínas !

EURYBATES.

Porque a maldizes tu com tal severidade ?

CASSANDRA.

Impede ! Com effeito, é uma atrocidade  
Horrível, e o heroe morre como um cobarde.  
Ide ! o touro desviae da vacca, antes que tarde !  
Ah ! um veo denso o envolve em sua malha estavel ;  
Ella fére, elle muge, ella fére implacavel ;  
A flamma do furor em seu olhar delira,  
Amaldiçoada femea ! E o macho logo expira !

TALTHYBIOS.

Que lamentavel crime ella quer annunciar ?

CASSANDRA.

Caro Deus, p'rá morrer me trouxeste a este lar.

EURHYBATES

Agora, ei-la por si gemente e lacrimante.  
Um Deus, tu dizes! Qual?

CASSANDRA.

Apollo, meu amante.

TALTHYBIOS.

Como assim? Elle te ama e te persegue odiento?

CASSANDRA.

Ah! eu o enganei, trahindo o juramento;  
E, aí de mim! d'ahi vêm minhas longas torturas.  
Debalde meu olhar sonda as cousas futuras:  
Não me criam jamais! Todos riam, ou lesto  
Me enxotavam, de horror a meus gritos funestos.  
E eu, na noite sombria errante, já sem fé,  
Ouvia ao longe a voz da invencível maré,  
O tresbordo de um mar de desgraças; emtanto,  
Apollo sem piedade, e rindo de meu pranto,  
De visões me povoando as noites e os sentidos,  
Cegava a todo o povo e cerrava os ouvidos.  
E eu a prophetisar em vão, todos os dias!  
Cidadellas dos Reis, paços, torres esguias!  
Cães daquelles de quem este meu ser deriva,  
Ribas em cujo areal cantava a onda nativa,  
Rios, Deuses, em cuja agua fresca, sedento,  
Ia, o sol no zenith, se saciar o armento,  
E cuja onda embalava em modulo descante  
O bando virginal de riso enebriante!  
O' vós que ora levaeis, como em plenas enchentes,  
Carros, elmos, broqueis, com os mortos combatentes,  
A coma esparsa, o aspecto immundo, o olhar sem vida!  
Simois e outros mais, caros ao Priamida!  
O' minha patria, Ilion, montes, valles, não pude  
Vos salvar, nem a mim! Vamos destino rude!  
Já que um sopro fatal me arrasta e me devora,  
Irei prophetisar na noite sem aurora;  
As sombras me hão de crer, ja que o povo é descrente!  
Branca, teu sceptro á dextra e tua faixa á frente,  
Eu irei, caro Apollo, ó tu que és meu amado!

Annunciar tua gloria ao seu povo encantado.  
Eis o dia, o momento, a acha, a estancia escolhida,  
Minha alma vae fugir, de um Deus toda possuida !

## EURYBATES.

E' verdade, mulher ! não o occulto, esse ruido  
Lamentavel, é bem de todos conhecido.  
Estes muros, outr'ora, em momentos cruéis,  
Viram correr o sangue e as lagrimas dos Reis ;  
Porem o mal é findo e não voltará mais.

## TALTHYBIOS.

Repousa sem temor sob o tecto onde estaes.  
Teu pae é morto, Troia extincta, o fado iroso  
Curvou teu collo livre ao jugo injurioso ;  
Pois é força, mulher, soffrermos a desgraça,  
E para a dôr, bem vês, é feita nossa raça.  
Uma eterna ventura é dos Deuses. Mas, nada  
Deves temer aqui, tua vida é sagrada.

## CASSANDRA.

Insensatos ! nem vós mesmo me tendes crido !  
Escutae ! O clamor longinquo tem crescido.  
Oh ! o seu longo uivar ! Ellas veem desta sorte,  
As Cadellas, atraz desses que aguarda a morte,  
Os Monstros que amam tanto as agonias lentas,  
As Velhas de olhar cavo, as Furias macilentas,  
Que vinham farejando, á noite, a nossa trilha !  
Vem lugubre cortejo, implacavel matilha  
Que ululas sem descanço e lambes os indicios,  
Sempre frescos que vês, dos antigos flagicios !  
Vem ! elle vae cahir sob o golpe certo  
E dar o ultimo grito, o Rei, esse guerreiro  
Bravo e victorioso, e que viu derribada,  
Troia, tua muralha, altamente ameada !  
O' meu povo, ó meu pae, ó meus irmãos, de certo,  
Podeis vos alegrar: a expiação vem perto.  
Ah ! O Chefe divino, o destruidor feliz,  
Confiou no sorriso, em artificios vis,  
Na voz suave, no olhar falso, na mão solerte  
Que o afaga no banho, o aggride e deixa inerte !

## TALTHYBIOS.

Cala-te ! ó infeliz ! teu discurso é nocivo.

## TALTHYBIOS.

Passa antes de fallar, teus orac'los no crivo,  
Adivinha! aliás guarda-os de vez contigo.

## CASSANDRA.

Infames velhos, não ouvi, pois, o que digo.  
E tu, cujo ollar d'oiro em meu olhar se pinta  
Toma agora teu sceptro e tua dupla cinta,  
Celeste Archeiro!

*Atira o sceptro e arranca suas faixas.*

Sinto o bafejo da morte,  
Meu collo vae tremer sob seu ferreo corte,  
E no Hades, onde esplende o asphódelo de neve,  
As Sombras dos avós vão me acolher em breve!  
Clytemnestra, serei vingada. Aguarda aquelle  
A quem deste o teu leite e o teu odio repelle!  
O Vagabundo só nutrido de ira insana,  
O Descendente atroz de uma raça inhumana,  
O Algoz de sua mãe, ser por si mesmo odiado,  
De resto, e do furor dos Deuses flagellado!  
Que me liguem agora, e que um só golpe, então,  
Me fira e eu durma emfim!

*Quer entrar no palacio, e recua.*

Oh! a triste visão!  
Sentir que o bronze morde a garganta e que o sangue  
Corre todo do corpo, a estremecer exangue!  
Anciãos, não ousa! temo! a nuvem de um sol posto  
Me cega, e de suor se me humedece o rosto.

## EURYBATES.

Si é verdade, infeliz, não entres, foge! E' nosso  
Dever tudo occultar. Foge de Argos!

## CASSANDRA.

Não posso.  
Devo entrar, e a Cadella adúltera me lance  
Proximo ao Rei domado, e eu na terra descance.  
E' um merito ideal, só ao vil interdito,  
O de affrontar a morte. Eu vou!... E sê maldicto,  
Palacio, antro fatal aos teus, covil nojento

De mortes, onde o filho é, como o pae, cruento,  
Ninho de aves hostis cheias, mas não saciadas!  
Pela fé transgredida e as juras desprezadas,  
Pela horrenda vingança e seu festim nefando,  
Pelos olhos da Astucia, em cocoras vigiando,  
Pelo Reino fatal dos vivos macilentos,  
Pelo terror da noite e o soluço dos ventos,  
Pelo abysmo, do qual sobem queixas e brados,  
Pelos Deuses, seguindo a pista aos scelerados,  
Por Troia incendiada e por meu povo afflicto,  
Maldicto sejas tu! para sempre maldicto!

*Entra no palacio.*

### VIII

Os precedentes, **O CORO DOS ANCIÃOS.**

TALTHYBIOS.

Possa Zeus desmentir o seu dizer odioso!

EURYBATES.

Ai! na ephemera vida o homem vae descuidoso  
Seguindo, a tropeçar na sombra, estrada em fóra,  
A frouxa luz de um dia, anciãos, sem nova aurora.

TALTHYBIOS.

Quem se julga feliz acaso sob os astros?

EURYBATES.

Como as aguas do mar que refluem de rastros  
E parecem fugir no horisonte dormente,  
Os bens que cremos ter recuam bruscamente.

TALTHYBIOS.

Ninguém pode reter em suas mãos grosseiras  
O leve turbilhão das phalenas ligeiras.

EURYBATES.

Nem se pára também, no curso, as levadias  
Da torrente fatal dos lamentosos dias!

AGAMEMNON, *no palacio.*

A mim! feriu-me a infame! Estou a perecer.  
A mim!

TALTHYBIOS.

Deuses! que gríto atroz!

AGAMEMNON.

Pára, mulher!

Eu morro.

EURYBATES.

E' o Senhor! Transe horrível. Correi  
Comigo todos vós! assassinam o Rei.

TALTHYBIOS.

Não! Quanto a mim, anciãos, é outro meu conselho.  
Que poderei fazer, sem armas, e tão velho?  
E os braços mais viris e a alma mais atrevida  
Nada podem valer ao que tombou sem vida.

EURYBATES.

Lembra-me a maldicção dessa mulher propheta!

## I X

Os precedentes, **CLYTEMNESTRA.**

**CLYTEMNESTRA.**—*Sua veste está manchada de sangue.*

*Empunha uma acha.*

Eu, fui eu que o feri ! A cousa está completa.  
Ah ! de ha muito comigo eu sonhava esta hora.  
Quanto tempo afaguei este sonho ! Eis-me agora  
Bem desperta e de pé ! e gosei o prazer  
De sentir palpitar a presa e se estorcer  
Nas malhas desse ardil por minhas mãos tecido.  
Nem mesmo se dirá pelos Deuses sabido  
Como contra este ser, a meus olhos funesto,  
Foi grande meu rancor, não extinto, de resto !  
Tres vezes o feri como um touro fremente,  
E tres vezes do sangue a onda rapida e quente  
Jorrou-me sobre a veste, indizível rociada !  
Mais doce ao coração do que á terra esgotada  
A fresca chuva, ó Zeus, numa tarde de estio !

**TALTHYBIOS.**

Eu te admiro a audacia e o grande desvario.

**CLYTEMNESTRA.**

Eu o attesto, louvae ou censurae, que importa !  
Feri com segurança ! a alimaria está morta.

**EURYBATES.**

Que veneno, ó mulher, do negro Hades oriundo,  
Que fructo amaldiçoado e de solo infecundo,  
Corroeram-te a bocca e o sangue ? Que odio incrível  
Soprou-te ao coração a coragem terrível  
De, com as proprias mãos, matares teu esposo ?  
Que has feito aos Deuses, pois, para este factio odioso ?

**CLYTEMNESTRA.**

Velhos, por minhas mãos foi feita a acção já dicta.  
Ella é boa ! e por ella eu me louvo.

## TALTHYBIOS.

Ah ! maldicta !

Mas ao ruído do crime horrível e que agora  
Te apraz, de Argos serás banida sem demora.  
E, sob a execração do povo, vagabunda  
E ululante, tal como alguma besta immunda,  
Fugirás sem repouso ; hoje e amanhã te expelle  
O caminho, a gritar sob teus passos.

## CLYTEMNESTRA.

E elle !

E elle que, mais feroz do que um lobo cerval,  
Do sangue de uma filha humedeceu o areal,  
Dessa que eu concebera e que adorava tanto,  
Aurora de minha alma, agora immersa em pranto,  
Prazer e honra do lar ! dessa filha estendida  
Sobre uma ara, e por mim clamando espavorida,  
Emquanto o matador, aos Deuses, nesse instante  
Espantados, fazia a off'renda fumegante !  
Elle o pae que nasceu de fatidicos paes,  
Não foi banido, ó ceos ! desses velhos casaes,  
Nem teve a maldição das pedras pela estrada !  
E eu pouparia, então, essa cabeça odiada ?  
Não ! E esse homem glorioso, e tendo os cofres plenos  
De riquezas, feliz, querido dos Hellenos,  
Ultrage vivo aos meus males angustiosos,  
Chegaria ao final dos dias victoriosos,  
E todo um povo, em fim, qual se faz aos Reis justos,  
Poria em cofre d'ouro os seus restos augustos ?  
Não ! Ninguém pense agora, ou vel-o, acaso, queira  
Sobre a purp'ra funerea ao cimo da fogueira !  
Nada de libações, nem de prantos piedosos !  
Deem seus corpos pasto aos animaes furiosos,  
Ás aguias que ao odor veem dos altos confins,  
Aos cães affeitos mesmo a menos vis festins !  
Nada os separe, pois quero desta maneira  
O vencedor de Troia ao lado da Extrangeira,  
Ella, que era adivinha, e elle, o amante real,  
Sendo o solo lodoso o seu leito nupcial !

## EURYBATES.

E Mataste-a tambem !

## CLYTEMNESTRA.

Pensas que esta alma hesita ?

Cortei o trigo adulto e a herva parasita.  
Os companheiros d'elle e como elle culpados  
Estão mortos. Porem, outros nobres cuidados,

Que não o vão temor de uma plebe demente,  
De ora por diante, anciãos, me preocupam a mente.  
Ide ! dizei á turba em massa, ao povo inteiro  
Que o sceptro hoje pertence a um valente herdeiro,  
A Egistho, a quem amo !

TALTHYBIOS.

O' Deuses ! Terra mobil !  
Vivermos sob os pés deste adultero ignobil !  
A santa Argos, mulher, este opprobrio é devido ?

EURYBATES.

Mas, Orestes, o infante atrozmente vendido,  
O filho de um pae nobre e de uma mãe perversa,  
Está vivo !

CLYTEMNESTRA.

Que viva, e expie a sorte adversa  
De ter nascido assim de um sangue repellente !  
Que elle cresça ; porem de meus olhos ausente,  
E sem patria e sem nome. E' já grande favor.  
O exilio é duro ? A morte ainda fôra peor.

TALTHYBIOS.

Matarias tambem o fructo de teu seio ?

CLYTEMNESTRA.

Seu pae bem que matou minha filha ! Eu o odeio  
E o que amou esse Rei, esse espectro aborrido:  
Argos, a Grecia, a bocca em que é seu nome ouvido,  
O sol que o viu, este ar por elle respirado,  
Estes muros que suja ainda o corpo execrado,  
Estas pedras que estão por seus passos polluidas,  
As armas dos heroes, por elle conseguidas,  
E os despojos que fez no prelio victorioso  
E o que em fim concebi dos abraços do esposo !

EURYBATES.

Clame-se: O Rei foi morto ! Argos seja vingada !

TALTHYBIOS.

Cumpre, contra o tyranno empunhando a acha, a espada,  
Tiral-o pelos pés para fôra dos muros !  
Os actos promptos são, de certo, os mais seguros.

## EURYBATES.

Vamos ! Urge que o povo, a accorrer neste instante  
Ao palacio fatal, nelle penetre estuante.  
Apresemos-nos !

## CLYTEMNESTRA.

Basta anciãos. Mais devagar.  
O terror surge agora em cada limiar.  
Egisto, a esta hora, em seu valor tranquillo,  
A toda bocca impõe rigoroso sigillo.  
Silencio ! ou pelo Rei que alli jaz, na verdade,  
Pelos negros Demons ! mandarei, sem piedade  
Por vossa barba branca e vosso vão lamento,  
Que vos sangrem de vez: sim, perdereis o alento,  
Anciãos ! e disto faço um protesto solenne.

## TALTHYBIOS.

Rainha Clytemnestra, a tua audacia é infrene.  
Confiamos aos Ceos a vingança imminente !

## EURYBATES.

Porem, si te ferir o raio, de repente,  
Si fôr a expiação conforme ao crime feito,  
Recorda-te, mulher !

## CLYTEMNESTRA.

Arrostarei o effeito.  
Deixai esse temor que tanto vos humilha.  
Ide-vos !

*Os anciãos sahem.*

## X

## CLYTEMNESTRA, só.

Amo, reino ! e vinguei minha filha !  
Que o raio agora estale, em sua fulva lista:  
Eu o espero, a fronte alta e sem baixar a vista !

( Continúa )

Augusto Cavalcanti

## NOTAS

Pag. 6

Caros anciãos, bem longo um decennio se encerra  
Que elles partiram, vêde, os Reis das náos de guerra...

Allude á guerra de Troia que já durava dez annos, bem como aos vinte reis que faziam parte do exercito grego, tendo como chefe Agamemnon, rei de Argos.

Pag. 7

Abrandarão jamais a Erynnia vingadora...

As Erynnias, tambem chamadas Furias, Eumenides, eram divindades encarregadas da punição dos criminosos e que rastreavam os crimes, pelo que Eskilo chama-as Cadellas. São representadas por mulheres velhas, toucadas de serpes e armadas de viboras, archotes e lategos.

Pag. 7

E o joven a quem cabe este paço vetusto!

Refere-se a Orestes, filho de Agamemnon e de Clytemnestra. Na ausencia de Agamemnon, Clytemnestra vendera Orestes com o fim de o afastar do throno, como successor de seu pae, cujo assassinato ella premeditava.

Pag. 7

O' Zeus, no ethereo assento...

Zeus era o nome dado pelos Gregos a Jupiter.

Pag. 7

O' Dæmon muito augusto e sempre envolto em brilho...

Dæmons eram os genios bons ou máos.

Pag. 8

E' elle! o Danaense acommetteu a preia...

O Danaense é Agamemnon, generalissimo do exercito grego. Os habitantes de Argos eram a principio chamados Danaenses, por ter sido essa cidade fundada por Danáo.

Pag. 9

Ouçõ torvelinhar Pallas devastadora...

Pallas era a deusa da Guerra.

Pag. 9

Volta ao negro solar dos invictos Tantalidas...

Chamam-se Tantalidas os descendentes de Tantalos. Tantalos era pae de Pelops, que foi pae de Atreu, Thyestes e Plisthenes, pae de Agamemnon. Houve outro Tantalos, primeiro marido de Clytemnestra, assassinado por Agamemnon, que o substituiu no throno de Argos. O texto tanto pode referir-se aos netos de Tantalos, entre elles Agamemnon, como aos parentes do primeiro marido de Clytemnestra.

Pag. 9

Chamavam Iphigenia, em magico transporte...

Iphigenia era filha de Agamemnon e de Clytemnestra. Por indicação do Oraculo de Calchas foi sacrificada com o consentimento de seu pae afim de ser conjurado um révez soffrido pelos Gregos em sua viagem para Troia.

Pag. 10

O altivo domador dos tiros esplendentes...

Refere-se a Apollo que dirigia o carro do sol.

Pag. 13

Pois o ceo tem prazer vendo o senhor melhor,  
E o sangue dos heroes ha nutrido esta flôr  
De uma arvore real despida folha a folha.

Cassandra era filha de Priamo, rei de Troia, e de Hecuba. Por ella depois do cerco de Troia apaixonara-se Agamemnon, que a trouxe entre os prisioneiros. Predisse, como prophetisa, a sua propria morte e a de Agamemnon, como adiante se vê.

Pag. 13

Vivo como sahi das mãos guerreiras de Ares.

Ares corresponde a Marte, deus da Guerra.

Pag. 13

Recebei-me portanto agora, Deuses Lares.

Deuses protectores do lar domestico.

Pag. 15

O Hades fatal me chama em seu funebre tom...

Hades ou Plutão é o soberano do Tartaro, morada dos mortos.

Pag. 15

Impede ! Com effeito é uma atrocidade...

Cassandra prophetisa o assassinato de Agamemnon por Clytemnestra.

Pag. 16

Debalde meu olhar sonda as cousas futuras :  
Não me criam jamais !

Cassandra foi amada por Apollo que lhe concedeu o dom das prophcias. Depois, esse deus se arrependendo, desacreditou-lhe as predicções e fel-a passar por louca.

Pag. 16

O' minha patria, Ilion...

Ilion, nome poetico de Troia.

Pag. 22

O vencedor de Troia ao lado da Extrangeira...

Refere-se aos assassinatos de Agamemnon e de Cassandra.

Pag. 23

Ide ! dizei á turba em massa, ao povo inteiro.  
Que o sceptro hoje pertence a um valente herdeiro,  
A Egistho, a quem amo !

Egistho era filho de Thyestes, tio de Agamemnon. Ao partir Agamemnon para a guerra, Egistho, a quem elle confiara a guarda da esposa e dos seus Estados, trahi-o, apaixonando-se por Clytemnestra e concertando com ella o seu assassinato.

# Elogio de Frederico Prado

*Proferido em sessão de 7 de Fevereiro de 1925  
pelo socio João Cunha*

**M**AIS á excessiva benevolencia dos meus dignos amigos que tiveram a iniciativa da fundação do Centro Mattogrossense de Letras, do que a qualquer merecimento pessoal que me pudessem attribuir ou reconhecer, devo a extraordinaria honra de ter sido o meu obscuro nome incluído na brilhante companhia dos principaes cultores das letras em nosso Estado.

E se grande foi o meu desvanecimento por esta distincção tão alta, que ainda me não convenci de bem a ter merecido, maior é o constrangimento em que me encontro,— como vêdes Srs., pois que o não posso dissimular nem encobrir,— ao vir hoje perante tão selecto quanto illustrado auditorio, dar mostras do meu apoucado cultivo literario, ao ter de desempenhar-me do encargo que recebi, com a acceitação de uma cadeira nesta conceituada sociedade de belletristas, de fazer o elogio historico do meu patrono, o inesquecível Frederico Augusto Prado de Oliveira, que quasi todos vós conhecestes, e cujas inspiradas producções poeticas ou não, tivestes occasião de apreciar e de sentir, quando surgiram expontaneas e vehementes, no jornalismo da nossa modesta capital.

Nós somos um dos póvos que menos se estudam a si mesmos, disse-o o autorizado Oliveira Vianna ao lançar as paginas magistraes de uma de suas recentes obras sobre a formação das populações regionaes do Brasil ;— quasi tudo ignoramos em relação á nossa terra, á nossa raça, ás nossas regiões, ás nossas tradições, á nossa vida emfim, e accrescentaria eu, — aos nossos

homens mais proeminentes, mais estudiosos, mais trabalhadores, aquelles que por suas nobres acções, heroicas resoluções, mais concorreram pelo seu saber e bravura para a grandeza da nossa patria.

E' contra este conceito, do qual todos nós mais ou menos compartilhamos, pois que o sentimos palpavel e o vemos concretisado a cada passo, e a proposito de tudo que não seja da mais palpitante actualidade, que patrioticamente, benemeritamente vem tentando reagir as duas utilissimas sociedades que entre nós se formaram no periodo governamental do eminente prelado D. Aquino Corrêa, graças ao seu espirito superiormente culto, e ao seu amor nunca desmentido ás cousas da sua terra natal. A' essas instituições, felizmente, não tem faltado o prestigio e o amparo dos governos que se seguiram, nem a sympathia e o interesse que desveladamente sempre lhes dispensou a culta sociedade desta capital sendo a prova positiva dessa distincção animadora a brilhante concorrência assignalada em todos os testivaes das duas sociedades irmãs, a que especialmente têm as nossas gentis patricias prestado, como ainda hoje acontece, o concurso directo do seu contingente pessoal, da sua intelligencia e da sua graça, para maior realce e encanto destas sessões, que constituem, por vezes, a nota mais attrahente da nossa vida local.

Vindo concorrer, na medida de minhas reduzidas forças intellectuaes, para manter os creditos e a proeminente posição já conquistada pela nossa impavida sociedade literaria, me permittireis Snrs., que eu coméce assignalando o facto singular, que raras vezes terá occorrido no seio das sociedades congeneres, qual o de me haver cabido por patrono um personagem alguns annos mais moço do que o seu humilde patrocinado...

Esta circumstancia notavel e talvez unica, seria bastante, e o maior estimulo, para que eu, revolvendo os archivos ainda recentes e mal fechados, onde palpitam

quentes as recordações do querido patricio a quem me coube render esta homenagem, pudesse vir apresentar-vos, n'uma feliz evocação ao passado tão pouco distante, um estudo digno da memoria do genuino cuiabano que foi o meu patrono, fazendo sobresahir em seguros traços e lances empolgantes, a visão fiel e nitida da sua figura sympathica, varonil, activa e resoluta, qualidades que foram as feições predominantes do seu physico e do seu character, trazendo-vos à lembrança a recordação viva e documentada dos seus habitos, dos seus actos, dos seus escriptos, da sua actuação intelligente e preponderante em nosso meio, na directriz da nossa vida social e politica.

Um receio porem, me assalta Srs., e vem a ser o de, no correr deste rapido bosquejo historico, a que por falta de capacidade não poderei dar o desenvolvimento e a segurança que seria para desejar, me veja forçado a commetter a grave inconveniencia de lembrar factos mal esquecidos, despertar paixões não de todo adormecidas, o que, se assim acontecer, seja-me levado á conta tão somente da fiel observancia do meu compromisso, pois de outra fórma ser-me-ia de todo vedado qualquer referencia a um personagem tão intimamente ligado a esse passado assim visinho de nós, que quasi constitue a propria actualidade, e a acontecimentos que, por certo, ainda estarão vivos e indelevelmente gravados na memoria de muitos dos nossos patricios.

E' este Srs., o grande escolho decorrente da excepcional vantagem de termos por patrono um conterraneo muito recentemente afastado do nosso convivio, ou ainda de sermos, como me acontece, mais velho do que o nosso patrono.

Não basta pois, que haja desaparecido na vora-gem de um tumulo a individualidade que é objecto do nosso estudo para que tenhamos a liberdade ampla de julgarmos do merito da sua obra: é indispensavel que

nos afastemos também da epocha e do scenario da sua actividade para que essa faculdade de julgamento e de apreciação seja absoluta e completa.

Frederico Prado, nascido a 22 de Janeiro de 1874, foi, como não ignoraes, filho de distincto casal cuiabano, sendo seu pae o venerando Sr. Coronel João Baptista de Oliveira Sobrinho, que ainda existe e cuja presença neste recinto seria justo motivo da satisfação intima com que, apesar de minha visivel inaptidão para o caso, desempenho a tarefa que me cabe nesta festa em homenagem á memoria de um de seus filhos mais queridos.

Começou Frederico a sua aprendizagem primaria no Collegio de S. Sebastião, regido pelo professor Frederico Teixeira, cujos methodos de ensino eram então bem differentes dos hoje adoptados nas nossas escolas. Ao ter de ser castigado por uma falta que commettera, revoltou-se um dia o alumno contra o professor e sahiu desabaladamente pela janella, para não mais voltar ao collegio.

Concluiu os seus estudos preparatorios no Seminario Episcopal, onde sempre se distinguiu pela sua altivez e intelligente vivacidade e foi durante alguns annos, esforçado auxiliar de seu pae na honrada profissão de commerciante, a que este se dedicava.

Mesmo ali, adstricto ao pontual cumprimento de suas obrigações, nas horas vagas, era Frederico incansavel ledor de quanto em nosso meio se encontrava de instructivo, sendo do mesmo passo, assiduo frequentador da Bibliotheca da Associação Litteraria Cuiabana, por aquelle tempo, florescente, cujas obras devassara avidamente, uma por uma, sequioso de conhecimentos e de saber. Assim, lia tudo: Memorias de Rocambole, Memorias de um Medico, Conde de Monte-Christo, A Igreja e o Estado, Obras de Haekhel, de Victor Hugo, de Eça de Queiroz, Guerra Junqueiro, romances de Camillo, Scrich, Julio Verne, jornaes, revistas, debates da Camara, do

Senado, artigos de polemica, emfim tudo quanto apparecia, lia tudo, devorava tudo.

Assim formou-se o seu espirito, um tanto desordenadamente, mas saturado principalmente de idéas republicanas, liberdade de pensamento, independencia de caracter, altivez irreprimivel, quasi um insubmisso, sendo de notar que essa formação foi obra inteiramente cuiabana e exclusivamente do nosso meio, cujo é o merito mais alto de sua personalidade.

Desde cedo propenso ao humorismo, em que se lhe transfundia a mente creadora e irriquieta, Frederico era o terror dos ingenuos que appareciam á loja de seu pae, mettendo-os á bulha e pregando-lhes peças estupidas, muitas das quaes são até hoje lembradas.

—A certo bacharel recém-chegado, que anciava por um emprego bem remunerado, indicou Frederico como mais conveniente e facil de obter, porque se encontrava vago, o de Inspector Escolar da Capital.

O novel advogado, sem perder tempo, despediu-se e abalou para Palacio e lá foi solicitar ao Presidente a sua nomeação para o emprego indicado.

Estranhou o Presidente, homem sizudo e grave, o extemporaneo da pretensão, por não ser o cargo remunerado.

Só então, teve o jovem Dr. a percepção clara da *gaffe* a que o expuzera o espirito jovial de Frederico,

Desistiu ali mesmo da collocação, a que, depois, não podia ouvir a menor referencia sem se enrubecer até a raiz dos cabellos.

---

Ao Conde de Milano, que se acolhera á sua protecção, ouvia Frederico Prado pachorrentamente e não havia planos e expedientes que lhe não lembrasse para mais baralhar as estultas pretensões que fervilhavam no cerebro doentio do pobre fidalgo, arvorado e baptisado pelo proprio Frederico.

Já por esse tempo versejava o meu patrono, mas, por minuciosas que fossem as pesquisas a que me entreguei, não consegui registrar uma produção sua anterior a 1899.

A primeira que se me deparou, indicada por um amigo, foi a que se encontra no Almanack Literario e Estatico do Rio Grande do Sul, daquelle anno de 1899, à pagina 140.

E' um soneto dedicado a C. de A., iniciaes que velam certamente o nome de sua futura noiva e esposa, e que tem por titulo — "*Pensando em ti.*"

Eil-o na integra:

"Quando me lembro que por um instante  
ocupeu teu ingenuo pensamento,  
e trahindo talvez teu sentimento,  
fiz corar teu angelico semblante:

quando penso que n'um feliz momento  
logrei prender o teu olhar brilhante,  
e que por mim pulsou teu inconstante  
coração juvenil, de amor isento ;

quando, enfim, na expansão mais delicada  
de terna confidencia apaixonada,  
das promessas que ouvi, me lembro ainda,

sinto na alma nascer toda a alegria,  
do meu peito fugir a nostalgia  
da vida presa de amargura infinda.

Não obstante minha absoluta incompetencia no assumpto, pois que, conscientemente jamais logrei perpetrar um verso, julgo-o isento de defeitos.

Foi talvez, a primeira composição poetica a que deu publicidade: é um soneto muito discreto, mas em todo

caso—de amor, que é, quasi sempre, por onde todos commecam.

De outros tenho noticia, publicados no Almanack Luso Brasileiro, cuja collecção, entretanto, não tive occasião de manusear.

---

Naquelle mesmo anno de 1899 vemol-o ingressar na vida publica. Foi eleito vereador da Camara Municipal da Capital, da qual em 1900 foi Presidente interino e em 1901, Presidente effectivo.

Apresentado por Frederico Prado na ultima sessão ordinaria de 1900, foi approvado o projecto de secularisação dos cemiterios da capital, que ficou estabelecida pela Resol. n. 46 de 19 de Novembro do mesmo anno. Essa medida, contra a qual protestou o Bispo D. Carlos, deu lugar a uma demanda judiciaria entre a Municipalidade e o Bispado, que por seu advogado, Dr. Arnaldo Novis, intentou perante o Juizo Federal uma acção de manutenção de posse, sendo a sentença final favoravel á Municipalidade.

---

A 29 de Abril de 1901, casou-se Frederico Prado, nesta cidade, com D. Carmen de Albuquerque, filha do então Tenente-Coronel de Engenheiros Caetano Manoel de Faria Albuquerque.

Depois do seu casamento estabeleceu-se com casa commercial á rua Antonio João, associando-se mais tarde ao seu amigo João Celestino, á mesma rua, até pouco antes de commecarem a apparecer os primeiros symptomas de opposição ao governo do Coronel Antonio Paes, em 1905.

Nessa occasião fez parte da Colligação politica que se organisou sob a chefia de Manoel Murтинho, José Maria Metello, Generoso Ponce, Pedro Celestino e outros influentes chefes contra a politica e o governo do Coro-

nel Antonio Paes de Barros e desde então, pelas columnas da *Colligação*, órgão do novo partido, vemol-o semanalmente desferindo os dardos de sua veia poetica e humoristica contra os actos do governo que combatia, concorrendo com as suas trovas estonteadoras, que fizeram epocha, para incutir no animo do povo o descredito do governo.

1. Todos os seus partidarios sabiam de cór os seus versos causticantes, muitos dos quaes se tornaram verdadeiramente populares, sendo cantados em serenatas lar, que não raro se desfaziam em attrictos com os adversarios. e

São desta epocha as suas producções estampadas sob o titulo geral de "Risos e Frisos" e assignados com o pseudonymo "Zé Capilé", sendo as principaes as que ficaram conhecidas pelos sub-titulos:

Dia 15 de Dezembro, se me lembro...  
 A Commissão do Pará  
 A a uração  
 Resposta ao Pum  
 O emprestimo  
 O processo de um Juiz  
 O Thesouro—Casa de prégo  
 Vozes sem éco  
 Circo Alagoano  
 Os espertalhões  
 Ainda o emprestimo  
 Lendo a mensagem  
 O Guató  
 Paciencia, Tóte  
 O Trovador  
 Serenata.

Destas eu peço venia ao benevolo auditorio que me ouve com tanta attenção, para ler como ligeira amostra

àquelles que por ventura desconheçam taes producções, que aliás já decahiram da sua actualidade, apenas duas, sendo a primeira intitulada "Circo Alagoano" arrojada ironia atirada contra os patricios do Dr. João de Aquino Ribeiro, genro do Presidente Paes de Barros, os quaes, naturalmente a convite do Dr. Aquino, naquella epocha se encaminhavam para o Estado em maior numero do que de costume, vindo aqui encontrar facil collocação, em virtude do prestigio que junto ao governo gosava aquelle seu conterraneo.

Diz assim:

### Circo Alagoano

Nho Tóte, por alcunha antigo—Cincinato,  
Chefe pouco capaz, mas muitissimo pato,  
Teve um dia uma ideia mesmo d'escachar:  
Pensou com seus botões—que para governar  
Bastava-lhe somente um circo bem montado,  
Onde um palhaço bom, pilhericc, engraçado  
Fizesse o povo dar gostosas gargalhadas  
Cobrando-lhe, porém, carissimas entradas.  
Assim deliberado, zás in continente  
Mandou buscar artistas e toda essa gente  
Que o traz em toda a parte em rigoroso assedio!  
Alguns, o empresario, não teve outro remedio  
Senão mandar pastar pelas repartições;  
Arraia secundaria, sem aptidões,  
Vem para serventes do circo poderoso.  
Outros—si bem que de talento duvidoso,  
Possuindo, comtudo, a necessaria pratica  
Que todo saltimbanco pesca de acrobatica,  
Foram logo servidos—cada qual com seis  
Empreguinhos que rendem centos de mil reis!  
Da fina flór, porém, do elenco precioso,  
Uns quantos—puro sangue—um clown mui jocoso,

São com toda justiça o *clou* da companhia,  
 Que a elles tão sómente, deve, quem diria?  
 Toda a força e poder com que se pavoneia!  
 São os homens do dia, os donos da plateia,  
 Do empresario e do povo que, subjugado,  
 Pelas suas momices—deixa ser levado!  
 Contorsionistas habeis, com facilidade  
 Planejam uma intriga, invertem a verdade,  
 Como sabem torcer os musculos da cara!  
 Se ás vezes um desastre á empreza se depara,  
 Um fiasco imminente ou bandalheira preta  
 Lá vem o arlequim e basta uma careta,  
 Um tolo palavrão que c publico distraia,  
 Para logo sustar a engatilhada vaia!!  
 E mesmo assim, coitados, passam... privações!  
 Patotas pequeninas, magras concessões,  
 Cadeiras no congresso... emfim—o quadro escuro  
 De serem d'isto aqui senhores no futuro!  
 Por isso a companhia, pouco satisfeita,  
 Querendo melhorar tambem sua receita,  
 Vae dar uns beneficios muito brevemente...  
 O povo está, porém, cansado d'essa gente!  
 Programmas mentirosos—nunca observados,  
 Trabalhos conhecidos—muito repisados...  
 Portanto, quem disser que a empreza está perdida,  
 Não diz senão verdade... ha muito conhecida!

Esta outra se refere ao processo do Juiz de Direito  
 que presidiu a Junta Apuradora de eleição, reunida nu-  
 ma Pharmacia, por ter sido impedida de fazel-o na Ca-  
 mara Municipal:

### Que tal!

Consta que o juiz de direito  
 D'esta nobre capital,  
 Presentemente processa  
 Um outro juiz—seu igual!

Diabos levem tal collega  
Com velleidades de probo,  
E que desmente o ditado  
«Que lobo não come lobo.»

Este come e nem mastiga,  
E comeria elephante,  
Se tal vontade mostrasse  
O nosso pachá reinante !

E' factó extranho, por certo,  
Em todo caso engraçado:  
Pois o juiz que andou direito  
E' que vai ser—condemnado !

Nesse processo o governo  
Quando nada é coherente,  
Se tudo aqui é julgado  
Com criterio differente !

Porém o tiro temível,  
Com tanto amor carregado,  
Explodiu pela culatra  
De quem o tinha inventado:

Todas as seis testemunhas,  
Que no feito depuzeram,  
Coisas do arco da velha  
Em pratos limpos puzeram !

Assim o fructo esperado  
Ao pae-da creança intriga,  
E chupe agora o governo  
Mais essa—famosa espiga !

---

Em Maio de 1906, após o reconhecimento pelo Congresso Nacional dos candidatos eleitos pelo partido da

Colligação, aggravou-se de tal modo a situação politica, que a 27 daquelle mez o orgão do partido em editorial sob o titulo *Independencia ou Morte* desfraldava a bandeira da revolução, e sahiam a campo os principaes chefes, acompanhados de seus lugares tenentes, para a organização de forças.

Frederico Prado fez parte do Estado Maior do Coronel Pedro Celestino, como Secretario Geral da Divisão do Norte, posto que desempenhou galhardamente até a victoria final da Colligação, redigindo vibrantes ordens do dia, que eram entusiasticamente recebidas pelas columnas em armas.

Começou então o trabalho da montagem do partido. Frederico foi nomeado Director da Typographia Official que chefiou proficientemente durante mais de tres annos, e na organização do corpo redactorial da "Colligação", que continuou sendo o orgão do partido até 1912, foi-lhe confiado o posto de Secretario da Redacção, cargo que manteve até pouco antes da sua partida para o Rio de Janeiro.

Em meados de 1910, Frederico Prado solicitava a sua demissão dos cargos que occupava, liquidou seus negocios nesta capital e em companhia de sua digna familia, já então accrescida de cinco interessantes filhinhos mudava-se para o Rio de Janeiro, descrente talvez, da politica de sua terra.

Alli assaltou-lhe inopinadamente terrivel enfermidade da appendicite, da qual, não obstante os recursos medicos a tempo e com toda solitudine empregados, veio a fallecer a 29 de Agosto de 1911.

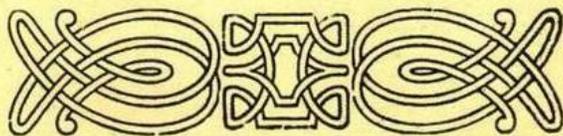
Das suas producções em prosa, que sei terem sido muitas e valiosas, nenhuma pude constatar com segurança, devido ao pessimo habito que todos temos, os que labutamos na imprensa politica, de não assignar os nossos artigos.

Fui informado de que Frederico tivera o cuidado de colleccionar num livro, devidamente catalogados, todos os seus artigos e producções poeticas, repositório que estaria carinhosamente guardado em poder de sua digna e respeitavel familia. Outros porém, affirmam que essa collectanea preciosa, entregue a um estabelecimento typographico desta capital, desapareceu com a morte do proprietario do estabelecimento, perdendo-se assim, o unico roteiro que nos poderia servir de guia seguro no conhecer todas as producções do talentoso patrio.

Ahi tendes, Senhores, quanto me foi possivel, num trabalho compativel com as circumstancias especiaes de lugar e de tempo, reunir para dizer-vos tão desataviadamente em homenagem a quem, lutando sempre com as asperezas do nosso meio insolito, tantas energias dispendeu, tantas horas preciosas empregou n'um esforço constante e digno de quem ama verdadeiramente a sua terra, para fazel-a avançar um passo a mais na conquista de melhores dias de civilisação e liberdade, e que deve ter para todos nós o valor excepcional de um espirito e de um caracter—productos genuinamente do nosso meio, constituindo-se por isso, um representante typico da nossa raça.

Da visivel imperfeição do meu trabalho, confio em vossa benevolencia, Senrs; que sabereis releval-a, como de ter abusado por tanto tempo da vossa magnanima attenção.

Tenho concluido.



# O MAL DE ESCREVER

*A Amadeu Amaral*



ENTRE os que escrevem e os que não escrevem estes ultimos levam consideraveis vantagens sobre os primeiros..."

Impressionou-me esta phrase que atirei a esmo, no meio de uma palestra intima. A pessoa que me ouvia quedou-se silenciosa diante daquillo que lhe pareceu um paradoxo e, sem dar mostra nenhuma de assentimento ou discordancia, levou a conversa para rumo diverso. Quando mais tarde, no meu quarto, me puz a reconstituir os episódios daquella noite, mais que todas as phrases daquelle collóquio amigo, me vinha ferir os ouvidos da memoria a que eu proferira quasi sem convicção, apenas no proposito gentil de ser agradável, pela originalidade, mesmo tocando á extravagancia.

Teria, entretantò, tido razão na affirmativa que fizera? Quantas vezes dos paradoxos mais abstrusos na apparencia surgem as verdades mais axiomaticas! Eu que ha tempo escrevo, levado por um vicio que começou como passatempo e acabou como habito, devo poder bem avaliar o alcance dessa asserção em que, talvez, houvesse posto um pouco de inconsciente sinceridade. Não succede frequentemente a verdade vestir as roupagens da mentira e mesmo do inverosimil? E eis me, desde esse dia, desde essa inesquecível palestra, a imaginar, pesando prós e contras, si, de facto será um bem ou um mal escrever. De uma asseveração lançada sem muita firmeza, no correr de uma conversa frivola, punha-me agora a tirar graves deducções de transcendente alcance philosophico... Guarda o teu riso, ó tu que por ventura me lês,—o assumpto é mais serio do que te parece a primeira vista: trata-se de saber si se deve ou não continuar a escrever e, como sabes, hoje, com essa cultura vasta e superficial de jornaes e revistas, toda a gente mais ou menos se julga com fóros de escriptor... Será um mal escrever? Está claro que excluo desde logo, pondo-os fóra de questão, os que escrevem sem alma, isto é, os méros escrevinhadores, escrevedores ou escripteiros, pois a esses não attingem as minhas observações e consequentes conclusões.

Para que se possa dizer que alguém *escreve* é preciso que o anime um ideal, um esforço, uma vontade recta e firme de trans-

mittir aos que o vão ler um pouco de si, do seu espirito, da sua imaginação.

Pouco faz que esse esforço seja quasi nenhum pela natural facilidade ou pelo auxilio de circumstancias favoraveis... O ideal tambem póde oscillar desde o artigo do jornalista de roça, que se preocupa com as questiunculas do seu logarejo até o trabalho de cinzeladura de um escriptor de raça a burilar as suas phrases no ouro de lei da lingua vernacula. E' tudo escrever, imprimir uma porção de vida, de energia intellectual á materia amorpha dos vocabulos, concretizar um pensamento, plasmar uma idéa, transformar, na bella imagem do Evangelista, o Verbo em Carne, o sonho em realidade, a emoção subjectiva em sensação objectiva.

Bem se vê que o trabalho relativamente se equipara, desde que a alma do escriptor ahi collabore, e o esforço, comparativamente, é o mesmo para o redactor de uma fôlha provinciana que téce panegyricos ao seu chefe, como para Rostand compôr o maravilhoso rythmo do "Hymno ao Sol" do Chanteclér. E' esse trabalho, esse esforço, essa energia dispendida que é preciso saber si redundante em proveito ou desvantagem para o individuo. Reduzida a seus verdadeiros e exactos termos teriamos aqui em vez de um thema de ethica ou psychologia, uma simples questão physiologica, a resolver-se com os dados materiaes que nos fornece a sciencia. E si considerarmos o estado de quem escreve como uma super-excitação nervosa crêda pelos estimulantes da inventiva, (trabalho de ficção) da memoria, (obra de evocação) ou do raciocinio, (thema scientifico) teremos ainda que fazer entrar em jogo, para o desenvolvimento desta these, a pathologia ou a physio-pathologia, com as suas ultra-modernas concepções.

Mas não me apraz encarar o assumpto sob este prisma: sobre fallecerem-me conhecimentos technicos para trilhar terreno tão escabroso e ingrato, sou avesso a longas digressões em que a eiva de preciosismo póde transparecer... Antes que andar aos tacteios por azinhagas desconhecidas e cheias de mil sahidas diversas, prefiro enveredar me pela estrada real, apreciando o assumpto em these por um prisma generico, qual o da experiencia e da observação, que a todos é dado perlustrar e, ao cabo, são as fontes mais seguras dos conhecimentos humanos. O mal de escrever... Já agora a phrase, tal como me sai da penna, está a attrahir-me, tão a proposito a sinto que toda para ella me inclino com o convencimento que nos dão as verdades mais singelas e persuasivas.

Vamos, porem, aos factos; nada de generalisações perigosas ou phantasias seductoras, pois tenho para mim que quando se quer chegar á verdade o primeiro que se tem a fazer é temer se da propria

imaginação. Para saber si é um bem ou um mal o escrever, começemos, pois, por distinguir entre os que escrevem tres classes differentes: a dos que o fazem por vaidade, por prazer e por necessidade.

Dahi desse trio não ha fugir. Todos os escriptores, de todos os tempos e logares, se enquadram em um ou outro desses grupos. Analysemos, portanto, os tres casos especiaes dos que escrevem. Em primeiro logar, os que escrevem por vaidade...

Têm estes contra si, na carreira, os innumerados contratempos que se antolham ao amor proprio do escriptor, as pequenas rivalidades profissionaes, a competição dos outros collegas de officio, e não ha susceptibilidade, por mais couraçada, que se não agaste ante esses frequentes attrictos... A's vezes, uma velleidade que se desfaz ou se encolhe diante de uma insinuação perfida ou maliciosa occasiona um desastre irreparavel na carreira. São communs os casos de escriptores que desertam tragicamente a vida nessas circumstancias, preferindo a morte, com todo o seu mysterio, á dolorosa tragedia quotidiana dos atassalhamentos surdos, ingratições innominaveis e torpes insidias... Os que escrevem têm— e é natural — um vivo sentimento de amor proprio, uma intuição egoistica que lhes faz amar as suas obras, como filhas do seu pensamento, sem lhes vêrem imperfeições ou desvalias...

De sorte que o melindrarem-lhes a vaidade, o repisarem-lhes o egoismo, o offenderem-lhes os mais intimos recatos, com a indifferença, com a critica irreverente, com o sarcasmo, doer-lhes-á mais que uma injuria directa, desde que de taes melindres não ha como se desforçarem. E dahi tantas vocações falhas, tantas carreiras cortadas em começo, interrompidas em plena floracão...

Si aos que escrevem impellidos por um desejo de ostentação ou vaidade taes escóelhos se deparam, amargurando-lhes a vida e envenenando-lhes os doces passatempos em que se entretêm para amenizar o tedio da existencia, não menores são as dôres e as angustias daquelles que escrevem pelo exclusivo prazer de escrever.

Parece um contrasenso o que ahi ficou dito, pois si se escreve por prazer, não se póde soffrer escrevendo... Isso é o que ao primeiro juizo póde parecer, mas si da superficialidade das primeiras impressões, passarmos a mais detida analyse dos factos, veremos que esta segunda classe é tão atribulada e soffredora como a primeira. Os que escrevem por prazer são os chamados *dilettanti* da arte, os amorosos, os apaixonados della. Entre estes se comprehendem certas pessoas que vivem a colligir bellas phrases, a compilar ineditas observações, a fazer cabedal de seus "trucs" de imaginação e dotes de espirito. Têm ellas a obcessão da arte, cui-

dando, com esmero, o lavor das phrases, com a paixão de um benedictino e o capricho de um artista medieuo. Amam, por isso, a Arte com ardores de enamorado e ternuras de esposo. Absorvem-se nella, vivem para ella, tudo olvidam por ella. E perdem, assim, o senso pratico, a noção da realidade ambiente, tornando-se, o mais das vezes, esquisitos, casmurros, lunaticos na phrase do vulgo... São os eternos bohemios, os insatisfeitos do mundo ou, si se fazem homens de sociedade, destôam das normas communs, e jamais se agitam ás vulgaridades da vida social, encastellados na "Torre de Marfim" dos seus sonhos... Quantos exemplos poder-se-iam citar de literatos que se desencaminharam completamente na vida pela obsessão artistica que os dominou! O vicio de escrever contrahe-se insensivelmente, como todos os vicios, mas não se expelle com a mesma facilidade... Ha escriptores que de bom grado renunciariam antes a todos os prazeres e commodidades da vida de que ao seu dilecto gôzo espirital. A penna tem para elles a seducção irresistivel que para outros possui a morphina, o opio ou o haschich oriental... Uma vez ligados á Arte só a morte os desassocia: são dominados, empolgados, enfeitiçados pelos filtros dessa Circe perigosa. Alguns começam a poetar aos 15 annos—n'alvorada da vida e do amor—e já velhos, na hora crepuscular da existencia, apagados os fachos da illusão, ainda os vereis versejando.

E' a fatalidade, o destino, a influencia ancestral— explicação, cada um a seu modo, dando côr diversa ao seu caso, que no fundo é o mesmo. Podem modificar os seus processos de trabalho, o seu criterio de observação, analytico ou synthetico; escreverão para si ou para o publico, sinceramente ou com snobismo, bem ou mal, muito ou pouco, mas jamais deixarão de o fazer. Aquillo lhes está na massa do sangue e vel-os-eis parar na rua para annotar uma imagem que lhes veio á idéa inopinadamente, perder a mais bella aventura para ultimar um conto ou rendilhar a filigrana de um rondó... Contra esses o melhor argumento é o que se deduz da propria natureza das paixões: ellas são sempre perigosas e fataes. A toxina do papel tem feito mais victimas que os baccillos todos reunidos... Estarão elles irremediavelmente perdidos? Tenho que não, mesmo porque irremediaveis só a deshonra e a morte.

Uma reacção opportuna e salutar ou uma regular methodização do trabalho, conterà, nos seus justos e razoaveis limites, a paixão de escrever, a nociva graphophilia ou graphomania, que, nem por isso, deixará de ter seus sérios inconvenientes...

Agora vejamos a terceira classe, a mais commum, talvez, e mais infeliz: a dos que escrevem por necessidade, a dos profissionaes da penna. Para muitos escrevêr é o modo de ganhar o pão de cada dia

com o suor do seu rosto, realizando a violenta apostrophe com que, no Genesis, Jehovah fulminou o primeiro homem... Esses escrevem como os operarios trabalham, a horas contadas, para satisfazer o Moloch do publico, e cada linha representa para elles uma fracção diminuta do patrimonio havido com o seu esforço intellectual, transformando-se-lhes o cálamo em ferramenta de trabalho.

Pouco faz que se esterilize a idéa no afan do continuo laborar: é preciso extrahir a agua da rocha arida ou da areia combusta e calcinada, amolgar a pedra e o bronze resistente, para haver o pão necessario á subsistencia. Torna-se-lhes uma ironia a doce palavra de Jesus:—nem só do pão vive o homem—porquê todo o seu esforço para o ideal, todo o seu abrir de azas para o sonho, se reduz, em summa, á investida desesperada da animalidade que exige a razão quotidiana. Com mui poucas excepções, daquelles que sabem retirar-se em tempo desse sorvedouro, acabam todos esses "escriptores forçados" numa triste improductividade, improficua e vasia, repetindo idéas alheias ou proprias, como "machinas de escrever ou fazer versos" no dizer de Varella, quando não, extenuados, a tísica ou a consumpção não os arrasta...

Isso é muito facil de explicar-se pois a Natureza pune inexoravelmente todas as transgressões de suas leis e sendo a expontaneidade fructo do repouso e da meditação, essas obras feitas de afogadilho, para cumprir obrigação, representam a inversão de leis naturaes e hão de por força resultar em maleficio ao que as produz...

Ha traços, porem, communs ás tres classes acima referidas, desvantagens de que todas ellas participam indistinctamente, males oriundos do simples factu de escrever.

Enumeral-os fôra fastidioso e citarei alguns sómente, á guiza de exemplo.

E' muito conhecida a abstracção dos escriptores que resulta em frequentes erros e impropriedades, permittindo que se tenham colligido verdadeiros *sottisiers* ou dictionarios e collecções de tolices perpetradas pelos Mestres da literatura de todos os tempos... Por outro lado o trabalho persistente do estylo amaneira o autor de tal fórma que o faz tomar uma feição invariavel, permittindo reproduzir-se-lhe o phraseado em caricaturescas imitações, no genero daquelles "A la maniere de..." em que puzeram á mostra as suas qualidades criticas os humoristas francezes P. Reboux e C. Müller.

Ainda mais, os que escrevem, em geral, são dotados de uma organisação psychica toda especial, para não dizer anormal, cheia de curiosas alternativas expressas nessas originalidades que vincam a personalidade de certos literatos, tornando-os inadaptaes ao meio, retrogrados—quando muito tradicionalistas, utopicos—quando

muito sonhadores do porvir. A analyse acurada os faz quasi sempre desilludidos e descrentes e á força de observar o mal acabam por perder a noção do bem. Contribue para crêar nelles esse estado nervoso até o facto accidental e secundario da sua continua posição, arcados sobre o papel, a verêm desfilar o cortejo interminavel das letras sob os seus olhos...

Sedentarios quasi sempre, elles se tornam indolentes, apathicos e tristes: a hyponchondria os assalta e eil-os Alcestes dolorosos mesclados de Hamletos interrogadores do enigma da vida... O unico meio de estabelecer o equilibrio entre a Arte e a Vida, sem sacrificio de uma ou de outra, seria a adopção do admiravel methodo de Philéas Lebesgue, mixto de rude lavrador normando, alcaide de sua aldêa, trabalhando durante o dia e, á noite, perlustrando os dominios literarios para dar-nos essas joias de delicadeza sensitiva que são "Le Roman de Ganelon" e "Les Servitudes"...

Mas é tão difficil, é quasi impossivel, no turbilhonar da vida contemporanea, manter essa attitudo e o escriptor tem de exaurir-se quasi sempre nos seus misteres intellectuaes, succumbindo o mais das vezes em plena pujança do seu talento, exgottado pela vida intensa do seculo... Escreve-se hoje febrilmente com o receio de que a penna, por tardia e morosa, não alcance o desdobrar da idéa que, em catadupas plethoricas, se espadana em niagaras e paulo-affonsos, em vêz de esprijar-se na bonançosa placidez dos classicos Lemans das poesias dos symbolistas, obcedados pelas paizagens suissas e flamengas...

Tem-se a impressão de que actua uma força irresistivel e imperiosa sobre o animo do escriptor no momento em que traça os periodos rapidos sobre o papel: escreve-se de um jacto, o pensamento afflue em caudaes, corre, accelera, vôa, precipita-se n'uma ancia desordenada e quasi hysterica... Ha, dest'arte, um estado de desequilibrio nervoso na psychê dos escriptores, e isso não admira a ninguem que conheça os fastos universaes da literatura, que assignala uma certa desorganização mental nos maiores Mestres de Arte de todos os tempos. São elles, quasi sempre, doentes do espirito, casos psycho-pathologicos, recorrendo, ás vezes, a estimulantes para a producção da sua obra.

Revelam-se frequentemente, sinão eivados de qualquer tara mental, ao menos uns esquisitões, incapazes de organização séria ou avessos á ordem estabelecida. Para que citar nomes, exemplos, si é, com poucas excepções, toda a galeria de artistas antigos ou modernos, a estadear lugubrememente uma tragica sequencia de agonias moraes? Essas torturas do pensamento acabam por deslocar a noção exacta da vida, fazendo o escriptor crear-se um mundo

áparte, imaginario, dentro do qual *vive a sua vida* ficticia. Um desses angustiados martyres da idéa traçou, em memoravel e bellissima pagina, que valê um depoimento sincero, a situação psychologica do poeta, á hora vesperal da existencia, em face da realidade

Lêde este sonêto de Bilac "Fogo fatuo":

"Cabellos brancos! dáe-me, emfim, a calma  
A esta tortura de homem e de artista:  
Desdem pelo que encerra a minha palma  
E ambição pelo mais que não exista.

Esta febre que o espirito me encalma  
E logo me enregela; esta conquista  
De ideas, ao nascer, morrendo na alma,  
De mundos, ao raiar, murchando á vista:

Esta melancolia sem remedio,  
Saudade sem razão, louca esperança  
Ardendo em choros e findando em tedio ;

Esta anciedade absurda, esta corrida  
Para fugir o que o meu sonho alcança,  
Para querer o que não ha na vida !

Não está ahi descripto, nessas quatorze estrophes de ouro, todo o drama interior do artista que busca a vida fóra de si mesmo, renegando, muitas vezes, os motivos faceis e expontaneos de felicidade— dessa extranha felicidade, aspiração eterna da alma insatisfeita a buscal-a, de illusão em illusão, de miragem em miragem, através da grande illusão e da eterna miragem do viver? Nós apodamos de voluvel a ventura, quando, ao cabo, sômos nós os voluveis, pois si ella

"está sempre apenas onde a pômos"  
nós, na eterna ansia em que vivemôs  
"nunca a pômos onde nós estamos"...

E já que estou a entrar pela seára dos poetas vá que cite ainda o miniaturista dos estados d'alma, o mais delicado psychologo do verso brasileiro, Raymundo Corrêa, que nas "Harmonias de uma noite de verão" põe na bôcca do Poeta estas palavras amarguradas e verdadeiras:

Cada illusão é como uma esperança  
 De um bem que tarda e que afinal se alcança,  
 De um bem que, um dia, ha de afinal chegar ;  
 Enquanto este não chega e dura aquella,  
     Goza-se mais com ella,  
 Do que com o proprio bem se ha de gozar.”

Alem disso, que constitue a maxima tortura dos artistas derivada do sensível desequilibrio entre o ideal e a realidade, o desejo e a acção—outra fecunda fonte de soffrimentos reside na preocupação da analyse, nesse aneio morbido que leva a tudo investigar, sentimentos, idéas, actos e volições.

Assim é que operamos, insensivelmente, a uma dissecção de almas, com o agudo bisturi da analyse, vendo a fundo na nossa estructura psychica e na alheia, como o cirurgião para quem a mais bella apparencia physica occulta as mais repugnantes mazellas...

Matamos assim o melhor da vida que é a illusão— a *mosca azul* do Mestre— e, anesthesiados, insensibilizados pelo habito da analyse, perdemos a doce despreocupação que é o segredo da felicidade. E passamos assim a mocidade sem gozal-a na sua belleza integral, feita de força e de desejo, atezados pelas visões do mundo interior, no prurido doentio de devassar os dedalos psychicos e entrar os mais reconditos escaninhos d'alma humana.

E, emtanto, a quem se disponha simplesmente a viver, a *fazer da sua vida a sua obra*, como a existencia é deliciosa ! Para que, afinal, a angustia de um Goncourt ou de um Flaubert, no procurar reproduzir as emoções, si o melhor dellas é tão intimo, tão pessoal, tão subjectivo, que jamais o conseguiremos exteriorisar, pela objectivação artistica ?

Demais, basta attentar ainda a circumstancia de que daqui a uns trezentos, uns quatrocentos annos (e o que é isso na vida do universo — quatro ou cinco gerações sómente?) pouco restará desta nossa pomposa Civilisação, destes nossos costumes, da lingua que fallamos, do nosso modo de vêr e apreciar as cousas, para nos dissuadir de vez dessa estultice—a maior de todas—consistente na phantasia vaidosa de quereremos perpetuar o nosso pensamento...

Sempre que vejo um desses fecundos auctores que põe tamanho empenho em pejar as livrarias de obras innumeradas — condôo-me sinceramente de meus semelhantes... Para que tanto esforço, tanto trabalho de que, mais tarde, irão fazer seu gôzo as traças vorazes que são os melhores Champollions que o futuro reserva aos escriptores — pois interpetram, com maior facilidade e á sua maneira, os trechos mais complicados de todos os idiomas vivos e mortos ?...

Diante disso — para que escrever? O segredo da felicidade é o encanto da despreocupação... Andar pela existencia como um *touriste* sem itinerario obrigado, mãos ao bolso, coração á larga, deve ser o melhor modo de vivêr. Machado de Assis, esse suave Mestre de ironia, termina com uma phrase admiravel de penetração o seu romance "QUINCAS BORBA": «O Cruzeiro, que a linda Sophia não quiz fitar, como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lagrimas dos homens.» A idéa, de resto, não é nova e já vinha de Renan e outros escriptores da mesma escola.

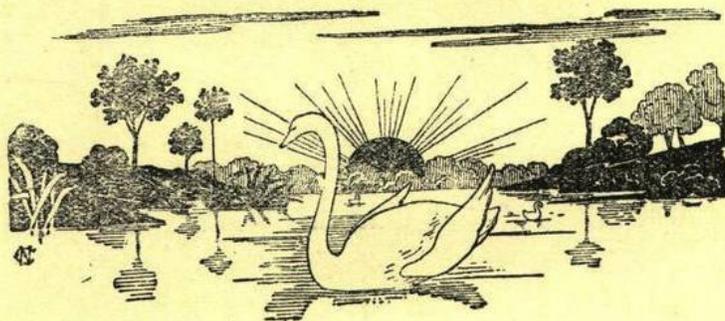
Mas é profundamente justa e exacta. Para que, pois, nos gastarmos num esforço improficuo, si o melhor é gozar a vida no que ella possui de mais doce, que é a despreocupação e a tranquillidade? Para que "fazer da sua dôr um poêma", como Heine, si esse poêma, vai, quasi sempre, servir de chacôta aos frivolos, aos pedantes, aos superficiaes, que sempre hão de formar a grande maioria da sociedade? O melhor será, pois, trazer a sua dôr aferrolhada prudentemente, discretamente, no coração. Porventura nos tornamos melhores quando nos extravasamos em confidencias? A solidão moral que nos acompanha, á qual Maupassant dedica algumas de suas paginas mais dolentes e bellas, não diminue quando abrimos a nossa alma padecente diante do publico, em versos ou em prosa.

Mesmo áquelles a que acena a Gloria, com os seus fingidos europeis, a Popularidade, com a sua rumorosa fanfarra, lá está, ao fim da carreira, a figura espectral e dolorosa da Morte, a gritar-lhes as palavras profundas e amarguradas do sábio do Ecclesiastes:— *Vanitas, vanitatis, omnia vanitas!*

Vale mais, portanto, parar á meia encosta da vida, que se afdigar na van procura da Chanaan inatingivel... Gozêmos toda a delicia expontanea e bôa do viver. Vivamos para nós, sem a tola e fatua illusão de fazer compartilhar aos outros as nossas emoções. Não é a Natureza pródiga de espectaculos encantadores para que nos seja mister reproduzil-a, em grosseiras imitações, que quasi sempre contrafazem o original? Não foi Deus assaz generoso em dotar-nos de tantos prazeres, que os da vida espiritual, quer os da vida sensorial, para que ainda rebusquemos no artificio sensações que não valem a pureza virgem da naturalidade? Só o prazer de pensar quanto não representa! E o de amar, para não fallar do de fazer-se amado? Vivamos, pois, e gozêmos a luz do sol, o perfume das flôres, os encantos do amor, tudo o que a existencia nos proporciona de bom e de bello, relegando, como inuteis e prejudiciaes, os ephemeros deleites da penna.

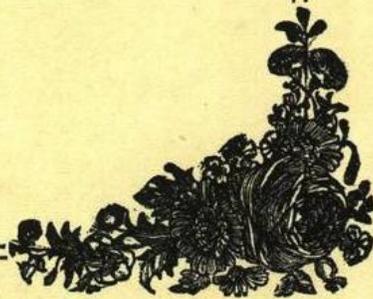
Escrever porque? E para que? Positivamente, como a principio o disse, os que não escrevem levam vantagem sobre os outros e, leitor amigo, si te não convenci do grande mal que é escrever, com isso que ahi fica escripto, é porquê (sò agora o vejo) maior mal fiz em escrever tudo isto para provar uma coisa que, sem isto, se provaria, talvez, muito melhor... E ainda ahi se confirma—por factos, não por palavras— o mal de escrevêr.

*José de Mesquita.*





**POESIAS**



## Casa de Telha

*Aqui foi o arraial: eis o aterrado,  
E alli o antigo bananal bem perto;  
Pires de Campos, Dom Rodrigo e, certo,  
Muitas bandeiras aqui têm parado.*

*Mas hoje, em roda, alarga-se o deserto:  
E si interrogo os echos do passado,  
Só escuto além, no pantanal pasmado,  
De brutas aves o grasnido incerto.*

*Emtanto, eu vou sonhando a historia linda  
Dos indios bravos, das monções em bando,  
De tantas gerações no olvido absortas,*

*E quem me déra aqui te ver ainda,  
Velha Casa de Telha, dominando  
O velho sambaqui das tribus mortas !*

**D. Aquino Corrêa**

## Angelus

*Pás de sombras no tumulto do Dia...  
Horas de evocações... Choram trindades...  
A voz do sino é o echo de agonia  
De alguém que anda morrendo de saudades.*

*Sosinho, nesta solidão tão fria,  
Eu fico a recordar outras idades:  
Bellos tempos repletos de alegria  
De sons, de amor, de sonhos, de bondades!*

*Oh! que ansia irremovível de chorar  
A' hora dolente do Angelus, por esses  
Crepusculos cinzentos e doridos...*

*E, que saudades sinto do meu Lar...  
Da minha Mãe... Da minha Infancia... Desses  
Tempos idos, queridos e floridos.*

**Oscarino Ramos**

---

---

---

## ⊙ Seringueiro

*Este é o homem feliz, que a matta virgem doma  
No só volver do olhar a que nada lhe escapa.  
Tremem de medo, ao ouvir-lhe o passo, a onça na  
E o sucury no rio, e o passaro na coma. [lapa,*

*Quando, a sós, da floresta em meio á arena assoma,  
Ao frio da manhã, sem trazer uma capa,  
A' destra um arcabuz, lembra a figura guapa,  
O masculino perfil de um gladiador de Roma.*

*Vibra o machado o dia inteiro, e, já de noite,  
Entregue o peito nú da brisa ao morno açoite,  
Eil-o, volve á choupana, altivo e sobranceiro.*

*Recolhe-se. Depois, cachimbo accende e fuma.  
E, enquanto, fóra, se espreguiça o véo da bruma,  
Na rêde, afina a viola e canta o seringueiro.*

Lamartine Mendes

## Meu Sonho

Soltei para o azulineio das alturas  
o meu primeiro sonho mensageiro,  
na esperança de vêr feito venturas  
o sonho deste arauto aventureiro ;

e quedei-me a esperar horas maduras,  
mirando o firmamento prazenteiro,  
ansioso em ver librando as azas puras  
de volta o sonho meu branco e ligeiro.

Inda estou a esperar, olhos voltados  
para os longes do céu ruborisados  
à luz sanguinea do morrer do sol...

Talvez, meu sonho, voltes dentro em breve.  
Talvez !... quem sabe si é teu corpo leve  
que anda queimando o fogo do arrebol !

*Sóter de Araujo*

## GLORIA!

Gloria ao seio, que é pão; gloria ao ventre, que é ninho;  
Gloria á esperança e á fé; gloria ao humilde e opprimido;  
Gloria ao som immortal do primeiro vagido,  
E aos braços, feitos cruz, para o amor e o carinho.

E ao que abriu no deserto o primeiro caminho;  
Gloria ao sementeiro; gloria ao desprotegido,  
Ao justo, ao poeta, ao heroe, ao martyr, ao vencido,  
E ao que a estrada trilhou da amargura e do espinho.

Gloria ao verso e ao cinzel; gloria á crença illusoria,  
Gloria á prece e ao perdão; gloria ao beijo que encerra  
A perfeição; e gloria ao marmore esculpido;

Gloria maior, porem, mais do que a tudo, gloria,  
Gloria á piedosa pá que abre o seio da terra  
Para o leito final da inconsciencia e do olvido!

*Allyrio de Figueiredo*



## CAMINHOS DA VIDA

A' minha sobrinha Maria da Aparecida,  
em saudosa memoria de seus paes.



LOGO que o Celso recuperou-se do profundo abalo que soffrêra com a morte do Carlos, seu primeiro cuidado foi communicar á noiva desse pobre irmão a dolorosa realidade, tão dolorosa que seu espirito a custo se conformára em acreditar-a, como um golpe cruel e inesperado que ainda por muito tempo tivesse que ficar vibrando em seucoração.

Celso conhecia apenas de nome a noiva de seu irmão, mas bem podia avaliar a intensidade da sua dôr, dado que ella retribuísse ao inditoso Carlos o mesmo amôr que o levara ao compromisso de casamento por impulsos de sincero e ardente affecto, tão avesso fôra sempre á immoralidade dos *casamentos de conveniencia*

Fôra por esse compromisso que partira para o Amazonas e mal iniciâra a clinica, lá succumbia de uma terrivel malaria, á margem de um rio desconhecido, num remoto barracão de seringueiro

Celso chorou essa morte prematura e reviveu de memoria, com a imagem do morto querido, toda a ternura da amizade que lhe tinha, evocando os episodios da sua vida em commum desde a ruidosa infancia no doce conchego do lar paterno, seus calidos e almos sonhos de juventude, suas leves esturdias de estudantes nos annos soltos de pensões no Rio, até o dia da primeira separação com a formatura de Carlos e sua partida para S. Paulo... Apenas passados uns breves mezes, o Carlos regressava com a noticia do seu noivado e o proposito de para logo assegurar o futuro indo tentar a clinica nas agruras e surpresas do clima do norte, numa região tão compensadora dos sacrificios para os que a enfrentam desassombrados... E Celso, embora sem nenhuma ascendencia sobre o irmão mais velho, em vão procurou dissuadir-o da arrojada resolução cujo desfecho ahi estava, repentino e brutal, no inexoravel dos destinos humanos.

Era agora forçoso transmittir a amargurada noticia e Celso resolvera mandar á moça um simples cartão tarjado e as seguintes, singelas palavras:

"Senhorita Maria Ribeiro—Com profundo pezar participo-lhe a morte de meu irmão Carlos, dia 23 do corrente, de febre typho-

malaria, na região do extremo oeste do Amazonas, conforme telegramma que ante-hontem recebi e já transmitti aos meus desolados paes. Queira acceitar, minha senhora, as seguranças de solidariedade neste transe em que ambos somos feridos e as respeitosas homenagens do seu criado

Celso Vieira.

Uma semana após esse bilhete, Celso recebia de Maria Ribeiro uma prova commovente do seu pezar por uma carta repassada de magoas e saudades irremovíveis do morto adorado, juntamente com o retrato della vestida do luto que tomára. O luto realçava a belleza da moça. Havia um terno encanto no perfeito oval daquelle-rostro onde a dôr deixara fundos vestigios na expressão amargurada da commissura dos labios e na melancolia dos olhos magoados e tristes, embora de um negror intenso e profundo. Sem um brinco, sem um collar, sem o menor adorno, o busto era gracioso, de uma graça triste, na attitude levemente inclinada como pelo cançasso dos estremecimentos do collo no longo pranto que verteram seus olhos...

Celso sentiu-se grato á moça pela delicadeza da lembrança e agradeceu-lhe commovido a bondade do luto em memoria do irmão querido. Apressou-se em communicar-lhe que mandara o retrato a seus paes e para retribuir de algum modo a prova de confiante amizade, de interesse que devia haver entre pessoas que se destinavam a um proximo parentesco, manifestou-lhe desejos de conhecê-la pessoalmente. No mez seguinte elle iria a S. Paulo por affazeres profissionaes e si ella tivesse parentes ou boas relações na capital, dispunham de occasião e meios de se conhecerem.

## II

O encontro em S. Paulo encheu-os de profunda commoção. Ella o antecederá na capital e em companhia de uma velha tia fôra esperal-o no Braz. Chegaram á estação com avanço sobre o horario dos trens. Poz-se então a passear pela calçada da *gare* com os passos leves e rapidos da pressa e curiosidade. A tia dormitava num dos bancos da saleta de espera e ella foi percorrer as montras dos livreiros proximos. Mas não se detinha a ler um nome sequer na lombada dos livros e irritava-se entretanto com a multidão que a acotovellava indifferente, com o barulho dos vagonetes de carga, empurrados brutalmente pelos carregadores, com as vozes dos pregões de vendedores de jornaes ou de fructas, toda ella agitada por uma grande impaciencia.

Agitava-a o presentimento tambem de ver surgir ante seus uma adorada imagem viva do morto, daquelle por quem tanto palpitára nos anhelos de uma nova revelação da vida, realizando com elle todos os almos sonhos de sua juventude esplendorosa de beleza e de graça.

Dez minutos, depois cinco marcou-lhe o relógio da pulseira, eis finalmente os silvos da locomotiva e o estremecimento metálico dos trilhos, e o expresso approximando-se nos pennachos de fumo e nos ensurdecedores apitos, na carreira vertiginosa. Eil-o entrando depois, eil-o diminuindo de marcha, eis a successão estonteante das janelinhas dos carros, com tanta physionomias estranhas e bizarras... Eis afinal o Celso, plantando-se-lhe em frente, com a valise e a capa numa das mãos, a outra estendendo-se-lhe confiadamente :

— A senhora, á Maria?

— Sim, eu mesma, o senhor o Celso?

E deram-se as mãos e ficaram numa demorada pressão, de emocionada ternura, de prazer e de pesar concomitante... Ella olhou o depois com certo despeito ou decepção, por aquelle irmão tão differente do Carlos na altura, no corpo, nos traços do rosto... Mas deu-se pressa em concluir esses embaraçosos momentos do primeiro conhecimento e foi logo em direcção á tia :

— Apresento-lhe minha tia que tambem conheceu seu irmão e lhe tinha sincera amizade...

O irmão... elle os preocupou durante todo o trajecto para a casa da boa parenta e todo o dia reviveu na saudade dessas creaturas singelas e adoráveis. A sombra querida foi relembrada por tudo que fora e deixara de ser nos dons inestimáveis do seu espirito, nos incidentes interessantes da sua vida tão breve, e a palestra tão cheia de confidencias intimas, deixou-lhes o resáibo suave de um consolo terno e perenne. Celso alludiu ao pungente pesar de seus paes, tão velhos e tão sós, impiedosamente feridos pela brutalidade cega do destino no que de mais caro possuíam de certo... E a voz embargou-se-lhe de soluços, quando se referiu aos episodios da sua infancia e da união que o prendia ao Carlos pela plena conformidade de genio, de pendores e habitos, de gostos e aspirações:

—Eu o estimava muito pela excellencia do seu character, mas muito mais ainda pela sua carinhosa, desvellada assistencia de irmão mas velho e pelas provas constantes de como me queria...

—Eu lhe queria por tudo o que era elle, interrompeu Maria, e poz-se a contar como se conheceram e amaram e foi tão logo o Carlos chegára a L. e fôra se hospedar no modesto hotel de seu pae.

Da mesa das refeições elle a olhava com devota sympathia e duas horas de serão, em seguida, remataram a nascente sympathia em colloquio em que se confessaram a nascente affeição. Depois ella adoecera repentinamente e foi elle que a tratára na longa enfermidade com abnegada e amorosa dedicação. O noivado se fez durante a convalescença e o Carlos a levava de carro nas visitas aos doentes fóra da cidade, a pretexto de que ella precisava dos bons ares do campo...

Celso poz termo ás expansões desse dia, declarando com sinceridade á sua ex-futura cunhada:

—Como reconheço, Maria, a acertada escolha do meu irmão e como soube consagrar o seu amor a uma creatura digna delle e de nós..

### III

Podendo-se dizer que desde o primeiro encontro foi suave e caroavel a impressão da belleza da moça sobre o espirito de Celso, dia a dia lhe avultando em consideração o quilate de seus dotes moraes sobre a fascinação dos seus dotes phisicos, todavia só se póde affirmar que o amor caminhou para ambos com passos tímidos e vagarosos.

Maria passava a descobrir em Celso semelhança com Carlos, que a estranhos passariam inteiramente despercebidas. Residiam mais na essencia da alma dos irmãos e trahindo-se na confiança das confidencias amiudadas, dir-se-iam vasadas por um mesmo timbre de voz.

Para o Celso já muita vezes a lembrança do irmão interpunha-se com a imagem da moça em desconcertante alternativa, ora com o pensamento em um quando começara a sós a pensar nella, ora pensando nella quando justamente procurava recordar-se do irmão.

Uma vez propuzeram-se um passeio para os lados de Anhangabahú e de caminho entraram em um cinema, attraídos pelos cartazes de annuncio e pelo titulo suggestivo da fita: "Ondas da vida." A principio a fita lhes pareceu de um enredo absurdo, mas no naufragio do bello navio quando pereciam varios personagens do pequeno drama numa luta terrivel e dolorosa com as ondas raivosas e espumantes e, na aurora de outro dia a heroína saltava em terra com outro passageiro e com elle convolava em novas nupcias, tão esquecida do seu primeiro amor, tragado naquelle bra-vio mar, ambos se estremeceram e o Celso procurou na penumbra as mãos de Maria e apertou-as como numa declaração, mas co-

mo que arrependido ou em calculado desdem, corrigiu o gesto acrescentando para logo:

—Sempre é fita, que absurdo...

—E' a vida, disse Maria, com muito mais sinceridade.

#### I V

Desde então a imagem da moça andou mais fascinante no coração de Celso. Revelavam-se-lhe afinal as encobertas traças do seu destino. Era mesmo do espirito de seu irmão que lhe parecia receber as suggestões de seu futuro.

Parecia-lhe receber da amizade fraterna imperiosas indicações para amparar e proteger e unir-se para sempre áquella que o morto querido deixára de tornar ditosa pela fatalidade superior aos seus designios que, para o seu consolo no além-tumulo, lhe aprazia ver realizados pelo irmão, por elle o Celso.

Dias depois, um passeio á Luz veio decidir do destino dessas duas creaturas approximadas por acaso e já inseparaveis pela força subtil das affinidades electivas.

Sob o céu limpo de garoa e faiscante de claridade que punha um brilho de alegria nos olhos dos transeuntes e modulação harmoniosa na cantilena dos pregões, palpitando embriagadora a manhã na força de um calido verão, elles penetraram o bello jardim afoitando em se darem os braços.

Nos aromas vivos, esparsos no ar; nos prónubos vôos dos insectos derredor ás plantas; na luz estonteante do céu e na tepidez das sombras das alamedas, errava em tudo a irresistivel volupia da estação. Elles inebriaram-se como duas forças de juventude em inevitavel atracção; confessaram seus sentimentos de ternura e todo o inexpremivel e mysterioso amor que os retinha até ali, prolongára-lhes as entrevistas e já não os separaria embora os tivesse chamado um para o outro sob um motivo doloroso.

A cinza mesma que se escondesse sob essa dôr, tinha que se dispersar no ar ao sopro de seus arroubos de corações em irradiante mocidade. Ambos se comprometteram a breves nupcias, tão esquecidos do morto como ficam esquecidos todos os mortos — a não ser de certo pela saudade das mães...

## Scenas de campo

Olha, Manelão, quando pegar o pé do caminho largo que dá no campo grande da Forquilha, toma tento que o matungão malhado lá está brabo como satanaz.

Aquelle diabo de bicho sempre foi damnado, desde bezerro quando tresmalhou e se acuou naquelle mundão de campo; agora, p'ra li não passa gente ou animal que elle não vem cortando como vento p'ra perseguir.

O anno passado, no dia de São Cosme, o diabo do santo é azarento, na hora em que o sol vae morrendo e o dia se aquebrantando, malhado que estava fraldejando o monte, ao pé do matagal de carandá e paratudos, farejou que passava gente da beira de cá do campo; levantou o focinho p'ra tomar vento, presentiu, fungou, baixou as ancas e varou ligeiro como flecha; estripou dois cavallos: um tordilho e outro lazão, e se Pedruca não fosse homem na perna era alma doutro mundo.

—Não faça tento, compadre Pedruca; só quero que me vigie mulher e filhos; a gente não sabe o que vae assuceeder amanhã, é poder que Deus não deu.

Quanto ao mais, deixa correr, estas pernas nunca *tremeu*, nem o coração nunca bateu por qualquer Buzão. E Manelão, caboclo sarado, alto e espadaudo, trançando as pernas, na lombada luzidia do pangaré,

cavalgou, cantarolando no seu vozeirão grande e forte, estrada fóra.

“ Lá vem o patrão  
co'a cara amarrada,  
que é da boiada  
seo mangreão....

Bois... ora quantos elle não derreara com dois trompaços?!

E' questão de geito. Ha pouco, um Laranjo, rapido como o raio, negadô como diabo, que dera duas quedas no Chicão, elle Manelão, brincando como quem nada queria, fizera manquear. O bicho veio querendo, deu de chifre e pé, mas sahi e sahi ás direita. Laranjo voltou irado; deu, sahi desta vez do lado contrario, peguei o bicho., Laranjo urrou, conheceu talento de homem e caliu de vencido. Ora bois... estava persintindo que era um bezerro desassumptado que estava como espantalho no campo grande da Forquilha

A soalheira esturricante ia minorando o seu ardor.

Das mattas lateraes fresca viração soprava.

Calangos alvoroçados corriam ás pisadas da cavalgadura na estrada; nas touceiras jaós cantavam compassadamente, tristemente, e os grillos nos capinzaes humidos, grisalhavam.

Prenuncio de tarde.

Ao longe, ouvia-se um mugido esfiado e saudoso de boi esgarrado. Pangaré abaixou as orelhas nervosamente, levantou a cabeça e espertou-se. Manelão ouvia-o indifferente como boiadeiro mestrado.

Não cavalgara um estirão e Manelão desembocara no campo, amplo e raso, resequido e gretado pelo sol estival onde um ou outro carandá mais possante erguia-se, erecto, qual alma penada rogando no meio do deserto, preces aos passantes.

Ceus e montes viviam em eterno connubio na fimbria do horizonte. E muita vez sol a pino, impiedoso, as seriemas esquivas cortavam o campo em desfilada. E quando as onças nas grotas e toucadas urravam famelicadas e ameaçadoras, Malhado escarvava o chão, mugia e punha-se em defesa.

Poucas braças do campo Malhado descobrira Manelão.

Levantou garbozo a cabeça feia, carunchosa, defendida por dois chavelhos fortes, resistentes e aguçados como dois aguilhões d'aço; escavou o chão, urrou e partiu n'uma arremettida.

Manelão instigou o pangaré com as esporas reluzentes. Malhado chegara a fungar nas ancas do pangaré, certo o golpe, se Manelão, dando-lhe com o chapéo de couro não o espantasse:

—Uê, demonio, não conhece homem, diabo!

Mas na segunda arremettida Malhado varou o ventre do pobre animal, prostrando-o mortalmente.

Agora, no largo escampo, silencioso como o coração de um morto, estava Manelão em vida, Deus no céu, o cavallo a estrebuchar e aquelle diabo de bezerro. Mil pensamentos, naquelles instantes de seculos, revoaram á cabeça de Manelão.

—Se elle percesse...

Uma nhambù assoviou na barra dos montes. O canto da nhambù é saudoso e Manelão teve saudades de Barbara.

— Quem olharia Barbara e os filhos se elle percesse? Compadre Pedruca era amigo... mas casa que não tem esteio não firma e quem sabe se elle não ia abusar.

Não houve vacillar; o touro investira e Manelão pula daqui, pula dali, pula dacolá; o touro attinge-lhe forte marrada e elle cambaleia e geme.

Nova investida; o vaqueiro recobra o animo agarra dos chavelhos do touro e ali, em posição atroz de luc-

tadores, ficaram ambos, esforçando-se, empurrando-se, gemendo, bufando até que, perito, Manelão conseguira subjugar o possante animal deslocando-lhe o pescoço.

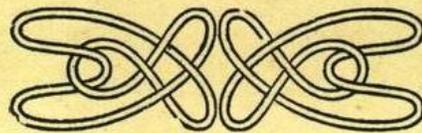
Malhado cahira, cahira derreado, vencido, mugindo, mugindo luctuosamente, prolongadamente, como se despedindo do campo grande da Forquilha em que fôra grão senhor.

Manelão ficara horas a olhar, apiedado, o touro arquejante; após admirou as largas espaduas, e respirou fartamente, banzando:

O demonio do bezerro era endiabrado mesmo; e poz-se a cantarolar no seu vozeirão grande, forte de vaqueiro, estrada fôra caminho de casa:

O' que triste vida  
tem um boiadeiro!

*Alcindo de Camargo*



# Paginas contemporaneas

## O MEXICO

**D**ES que li a "Historia da Conquista do Mexico", de Solis, tive por esse bello paiz a sympathia, já agora tão geral entre nós, pela sua politica, seus costumes e suas origens.

Suas origens perdem-se na prehistoria, como sabem, e entre tantas sorpresas da civilização aztéca de certo nã foi das menores para os conquistadores, o encontrarem na religião aborigene, pontos de ritual e liturgia semelhantes ao do catholicismo, a constituirem materia de hypotheses e indagações insolueis, sobre si eram remanescentes do mesmo christianismo talvez pregado no paiz em remotas idades, ou antes, inspirações do alto e da mesma fonte christã: mysterios da religião...

Mais tarde, conquistado o paiz, a luta contra a metropole é das de mais forte e viva tenacidade na America e pouco menos sanguinolenta que a da propria conquista. O grito de Dolores é dos mais patheticos e o cura Hidalgo que o lançou da humildade da sua parochia, é das figuras mais originaes nos registros da independencia americana.

O reinado ephemero de Maximiliano, projectou no mundo o echo doloroso do seu surdo fuzilamento em Queretaro e a sombra tragica de sua infeliz viuva, immersa de vez na loucura, sempre andou lembrada com sincera magua universal.

A prosperidade do Mexico sob o jugo de Porphirio Diaz, era um paradoxo ante a formula theorica do progresso correlato á liberdade, e não foi sem duvida para nortear-nos p'ras revoluções actuaes, que Quintino Bocayuva apontou-nos o Mexico no celebrisado artigo "Olhe-mos para o Mexico".

Olhando para o Mexico poderemos imbuir-nos mais ao vivo no sentimento americano, pela sua licção de glorificação de seus heroes indigenas nas estatuas de Guiltlahuac e de Guahtemoc.

Olhando para o Mexico veremos logo que elle pos-sue uma cousa que nos falta por nossa culpa exclusiva: uma arte propria e original.

Toda a industria mexicana busca inspirações e ganha e estende raizes nos motivos da natureza do paiz, no solo, nos minerios, nas suas plantas, no seu reino animal. A ornamentação artistica e industrial tira originalidade nos modelos naturaes da ambiencia, na traça e fórma ás vezes e sempre no desenho, na côr, nos intuitos pictoricos.

A bizzarria dos riscos de seus marmores reproduz-se na tecelagem dos seus pannos, nos objectos da sua ceramica, na joalheria, na sua ebenesteria.

Seus aloendros e cactos, seus gigantescos agavios lanceolados, tambem se vêm na arte de talha, nos flôres do mobiliario e nos relevos ornamentaes da architectura, e a viva e extranha coloração das flôres e fructos regionaes, estampa-se com fidelidade imitativa emprestando cunho distincto á toda mão de obra mexicana, com exotismo surprehédente e deveras attra-hente.

Si não temos arte brazileira, a culpa é a das nos-sas escolas onde os mestres de desenho botam aos olhos dos alumnos cadernos feitos na Europa "pour les pays lá bas", em vez de criarem modelos regionaes, dar-lhes por copia estampas dos nossos fructos e flôres,

das nossas paizagens de sol, nossos *cerrados* e nossos *geraes*. A culpa é dos programmas de ensino, é das classes de direcção artistica e si as revistas domesticas e de illustração nos dessem suggestões de arte brasileira, sem duvida apurar-se-ia o nosso gosto por tudo que é nosso e a industria nacional seria, com os caracteristicos regionaes, mais uma valiosa affirmativa da nossa personalidade entre as demais nações.

Certo, o gráo de civilização da raça autochtone no Mexico, já se achava tão alto que as suas assertivas na arte e industria puderam sobreexceller e conservar-se em face as das arte e industria européas. O atrazo do nosso indigena determinou consequencias diversas. Mas alguma direcção sobre o seu gosto decerto poderia haver attenuado as fundas influencias da arte européa, dando-nos hoje divergencias a nos constituirem como cambiantes de traços caracteristicos.

Porque o nosso indio na sua plumaria e outras artes ou primitivas industrias, a do fabrico do guaraná por exemplo, em que vemos a modelagem dos nossos animaes, o jaboty, o jacaré, etc., seria o inspirador do nosso caboclo tão despido de senso artistico hoje que, como notou Lobato, nem um desenho traça no cabo do seu *guatambú*, sendo assim inferior neste ponto ao homem primitivo.

E' que, distanciado do contacto indigena, perdeu o senso de esthetica já que não se lhe faz a conveniente educação, e nos chegamos assim sem pendores para a arte intuitiva e vamos adoptando a modelagem e o desenho peregrinos ao contacto de uma civilização de emprestimo. E é pena porque não somos nos mesmos mesmos. E' pena porque assim excitamos menos curiosidade e somos menos conhecidos.

Eis aqui como nos agrada este trecho mexicano. Na adustão arenosa um nopal espinhento e resequido braceja em esgalhos sem frutos. Perto, sobre os arreios da

alimaria, um typo indigena, o chapeo agulherado, de amplas abas com guizospendentes ao redor, vestindo um saial de couro em tiras franjadas sobre as calças bocca de sino, tange a viola chorosa e canta lastimoso :

*Ingratas, cruellas fortunas  
Hei venido a conocer...  
Que el nopal vienen a ver  
Sólo quando tiene tunas,  
Si no, ni se acuerdan de el...*

E' bem o Mexico tudo isto e a canção é typica e todavia de tom e sentimento humano, universal: as tunas, fructos saborosos, amadurecem na sua linda côr amarello-ouro: todos veem ver o nopal.

Acabam-se os fructos e o cacto é um triste espinheiro mirrado. ninguem o vae vêr.

Deve ser povo em excesso preso ás affeições, este em que um pobre oleiro dando de beber á companheira por um jarro das proprias mãos, canta-lhe neste pedido :

*Comadre, quando yo muerra,  
De mi cinza hace um jarro,  
Si de mi tiene sede, bebad ;  
Si en los labios si le plega  
Son los besos de tu charro...*

Ora, estas vozes e trechos de paizagem mexicana não nos ouvi e vi no Mexico, é claro, mas atraves de dois vitraes de industria mexicana. Porque o Mexico possui o que é pena que nos falte: uma arte propria e original.

*Cesario Prado.*

---

# Páginas esquecidas

## HISTORIA DO SERTÃO

*A Traumer*

A' porta do rancho de Bongê, na fazenda do Recreio, alguns vaqueanos discutiam sobre a medida que deviam tomar para dar cabo de uma onça, que á noite assaltava o chiqueiro dos bezerros, matando-os e durante o dia se conservava na cordilheira proxima, de alli a um quarto de legua meio puxadinho....

Sobre o que se devia fazer todos estavam de accordo: era matar a onça.

Mas quem se encarregaria d'essa perigosa incumbencia? Aqui é que pegava o carro. Ninguem a queria para si e a excusa que todos apresentavam era a mesma: não estavam affeitos á lucta com a terrivel féra e, em taes circumstancias, era uma verdadeira loucura semelhante commettimento.

—Não é que eu tenha medo, disse um delles, graças a Deus todos aqui me conhece....

—Nem eu, disseram os outros á uma voz.

E' que a coisa não era mesmo brincadeira de creança! Se se tratasse de farpear um marroá ou montar um potro *chucro*, então era com elles, que desse officio entendiam como gente! Mas de dar caça ás onças, Deus louvado! não sabiam coisa alguma.

E neste sentido a conversação se prolongou por algum tempo, pois cada um por sua vez, para que no espirito dos outros não pairasse nem a mais leve suspeita de que o medo é que lhe inspirava a recusa, contou um caso em que se tornava bem patente a sua coragem.

Sentada ao lado, sobre um tóro de madeira, que ficava meio encoberto pelo corpo de um alto ingazeiro em flôr, Hortencia acompanhava com grande interesse a marcha da conversação. E, por vezes, fez menção de se levantar, para dizer áquelles homens que elles eram uns covardes, uns poltrões, mas sentava-se novamente. Aquella scena incommodava—a muito. — Pois entre tantos homens, que viviam a gritar que eram valentes, não havia um só capaz de ir matar a onça? Então que deixassem de basofias! Ao menos não seriam ridiculos!

Agora contava o seu caso um mulatinho espigado, imberbe, muito cheio de si:

— Ah, quem é que não se alembra de quando cá o degas farpeô aquelle garrote alaranjado da Xandica, um bruto brabo como uma fera e que tinha o cupim de mais de dois parmo de artura?

— Tudo isso é muito bunito, interrompeu a Hortencia, que se não pode conter por mais tempo; mas o que é perciso é que arguem se adelibere a ir matá a onça. Entre tantos home é impossive que não haja um!

E havia na sua voz e nos seus gestos um mixto de indignação e zombaria.

Os vaqueanos que até aquelle momento não haviam dado pela sua presença alli, olharam-n'a de alto a baixo e envergonhados do feio papel que representavam aos olhos da rapariga, mas não querendo dar o braço a torcer, perguntaram-lhe porque é que ella não mandava o Pereira, o seu homem?

Não mandava porque não era preciso ; ella que alli estava e não usava calças, era capaz de tomar da espingarda e ir matar a onça, sem o auxilio de ninguem. E não duvidassem muito porque ella ia mesmo, e sem perda de tempo !

Riram todos do rompante da destimida rapariga. Aquillo eram historias de mulher ! Fogo de palha, e nada mais ! Pois se ella nem tinha coragem de ir ver a onça morta, quanto mais para a ir matar ! Na verdade era bem interessante aquillo ! A Hortencia sempre tinha bem boas !...

No dia seguinte, ao escurecer, deram pela ausencia da rapariga, e todos extranharam que até áquella hora ella ainda não houvesse apparecido.

Lembraram-se então os vaqueanos da scena do dia antecedente. Não havia duvida, a Hortencia cahira na grande, inqualificavel asneira de realisar a sua promessa.

E o que terá acontecido ?

Não podiam, porém, perder tempo a fazer conjecturas. O que lhes cumpria fazer agora era ir até a cordilheira. E, para falar a verdade, a hora não era das melhores, mas não havia outro remedio. Se a Hortencia tivesse sido apenas ferida, ainda a podiam salvar e, no outro dia, talvez fosse tarde !

Por isso, num abrir e fechar de olhos, puzeram-se a caminho, e Pereira á frente, muito inquieto, ancioso por chegar á cordilheira que se divisava ao longe com as suas grandes arvores esguias, semelhando um grande exercito em fileira cerrada.

Queria muito a Hortencia e não podia haver para elle golpe mais doloroso do que perdê-la !

Oh, tinha muita fé em Nossa Senhorá da Conceição que não havia de ser nada ! E fez logo á boa santa pro-

messa de uma vela de libra e não sei quantos padrenossos e salve rainhas.

Agora estavam á beira da cordilheira, a que os primeiros raios da lua davam um aspecto sombrio.

O Pereira, sem medir as consequencias de um tão arriscado lance áquella hora, percorria em todos os sentidos a matta, com a arma engatilhada, prompto para o que desse e viesse.

E qual não foi a sua alegria quando, attrahido pelos vividos clarões de uma fogueira que crepitava ao longe dirigiu seus passos para o sitio em que se achava a sua querida Hortencia.

E ella estava viva e sã, sem um arranhão sequer ! Quem estava morta era a onça.

Felizmente ! E estreitou a boa companheira num longo abraço... Já não era só amor que elle agora tinha pela Hortencia, admirava-lhe tambem a coragem ! Mulher como ella, a gente encontra muito poucas !

E gritou em seguida chamando os companheiros.

A rapariga poz-se a tirar o couro á onça, um bonito couro pintado, macio como velludo. Era o trophéo da victoria ! ella não o podia abandonar, não ! Leval-o-hia comsigo, para que elle, na sua muda, eloquente linguagem, contasse a toda hora, a todo instante áquelles vaqueanos poltrões, quanto valia a Hortencia !

*Vieira de Almeida.*



# Páginas dos Novos

## Anatole France

Lendo casualmente um numero atrasado do "Mato-Grosso", dei com um telegrama comunicando a morte de Anatole France. Salteou-me um como atordoamento, um como abalo, que suporta bem a qualificação de inexplicavel. Ficou-me após, um mixto de dôr e saudade, nascidas daquella amizade intelectual de que fala Pascal. Espantou-me ainda o silencio comprometedor em que a nossa imprensa deixou passar tal acontecimento como esse.

Quando em abril ultimo perfez Anatole os seus oitenta annos, senti um doloroso presságio de que o grande espirito tinha os seus dias contados na terra.

Quem diria que os meus temores eram terrivelmente justos!

A morte de Anatole é um vacuo enorme que se abre no pensamento moderno, tanto mais nesta epoca de incertezas e perigos, de *futurismos* e outras doenças mentais.

Nele perdemos a mais alta representação da cultura latina em nossos tempos, ou para dizer no estilo colorido de Julio Lemaître, «*l'extrême fleur du génie latin*».

Desde 1881, anno em que publicou o seu *Crime de Silvestre Bonnard*, tem sido das maiores e mais fecundas a sua influencia sobre a literatura franceza, e algum tanto sobre a nossa.

Tipo perfeito de humanista, êle realisou e encarnou o espirito classico, em todas as suas qualidades ge-

nuinas: o espirito, a ironia, a graça, a emoção sóbria e forte, a amplidão, a majestade serena da forma e o aticismo.

A obra de Anatole Francé é, em si, uma profunda lição de estética: a sua imaginação curiosa e livre buscou os assuntos mais vastos, mais variados, mais universais, inspirando-se nas lendas orientais, nas tradições da velha Helade, nos doces e profundos misterios do cristianismo, nos primordios lendarios da sua França e na historia dela, e finalmente na realidade presente; entretanto, em tão diversos temas, a sua obra mantem a unidade intima, o cunho pessoal e a feição essencialmente nacional, conservando todas as qualidades caracteristicas do gênio gaulês.

Individualidade literaria das mais complexas, foi poeta, romancista e contista, critico, filosofo, ensaista, e historiador.

O poeta, mais do que um parnasiano, foi um heleno á maneira de André Chenier, principalmente naquelas encantadoras *Noces corinthiennes*.

O romancista, de aspectos varios, ora um admiravel realista, ora psicólogo sutil e *exquis*, era ainda um puro semeador de ideias, não é um criador de almas ou de tipos, como Balzac e Flaubert, mas um retratista e por vezes caricaturista originalissimo, com alguma cousa entre Aristófanés e Maupassant.

Ultimamente manifesto-use sob uma feição admiravel de ingenuo e doce subjectivismo, nessas tres obras primas que são *Pierre Nozière*, *Le Petit Pierre* e *La vie en Fleur*.

O critico, de um impressionismo mais aparente que real, porem pessoalissimo nos conceitos, possui o gosto no véro sentido da palavra, a justeza dos julgamentos e a sensibilidade indispensavel á comprehensão estetica.

O filosofo amargamente scéptico e pessimista, forrado entretanto de um idealismo piedoso, tem o horror do

dogmatismo e das religiões todas. Esse pessimismo é por vezes mitigado pela ironia que êle reveste de uma forma lépida e carinhosa, fazendo-a "la gaitê de la reflexion et la joie de la sagesse".

O ensaísta, reflexo da sua intelligência curiosa, se multiplicou em volumes de sátiras politicas, de biografias literárias, de questões sociaes, etc.

Pode-se-lhe afinal chamar um historiador, que tal êle se mostra e com feição original. Reviveu a épcca e figura de Joana d'Arc com uma amplidão e justeza de quadros, que assombra, e algo da estrema sensibilidade de Michelet sem o fanatismo democratico.

Evocou ainda, com precisão minuciosa, a época do Terror, no romance *Les Dieux ont soif*.

E' commum ler-se da obra de Anatole certas afirmações nebulosas próprias de quem a não entendeu. Atribuem-lhe, por exemplo, a insinceridade e certo pessimismo venenoso!

Que o mestre lhes perdôe.

Só quem nunca o compreendeu, quem nunca penetrou o fundo do seu coração e do seu pensamento, quem nunca sentiu o consolo espiritual que nos dão os seus livros verdadeiramente humanos só quem o não leu com alma e coração poderá mentir daquela maneira.

Mestre querido, amo os teus livros, que me ensinaram a pensar e viver, a amar a vida e a terra, essa mesma terra que dissestes ser boa, porque nela se ama e sofre. E tu amastes e sofreste. Amaste como poeta e sofreste como pensador, pois o sofrimento é sempre a causa ou a consequencia do pensamento.

Nesta hora dolorosa, eu me faço interprete dos que pensam e sonham neste canto do mundo para elevar a prece da nossa admiração.

Gloria a ti, grande espirito!

*Cesário Neto.*

CENTRO MATTOGROSSENSE DE LETRAS

Relatorio do anno social 1923-1924

*Meus prezados consocios e amigos:*

Cabe-me hoje pela terceira vez o grato dever de trazer-vos, nas succintas linhas de um relatorio, os dados informativos acerca da vida do nosso "Centro" e do trabalho por elle levado a effeito no anno social extincto.

E' com viva satisfação e—porque não o dizer?—com legitima ufania que ora o faço, pois, reconduzido mais uma vez, pela benevolencia do vosso suffragio, ao primeiro posto directivo desta sociedade, fólgo em assignalar que iniciamos o quarto anno de vida collectiva sob os melhores auspicios, inaugurando, nesta sessão de pósse da nova meza, a séde do "Centro" e o seu Gabinete de Leitura.

Aspiração que, por assim dizer, nasceu com o "Centro", constituindo-se como que logico e necessario complemento na vida das sociedades desta natureza, é bem de ver-se quamanho deve ser o nosso jubilo ao sentirmol-a concretizada em facto neste instante que se póde considerar historico para o "Centro Mattogrossense de Letras".

Quando, ha dois annos precisamente, tive occasião de dirigir-vos a palavra, na resenha que tracei dos factos occorridos durante o primeiro anno social, referi-me, nos seguintes termos, á questão de séde: "Não nos foi ainda possivel installar a séde da sociedade, devido ás difficuldades de ordem material, que serão attenuadas, a partir do anno entrante, pelo auxilio orçamentario que nos foi concedido pela Assem-

bléa Legislativa do Estado, sob proposta dos nossos prestimosos socios correspondentes Deputados João Christião Carstens e Rosario Congro”.

Longe estava então de suppôr que tão cedo seriam removidas essas difficuldades, por um favorabilissimo conjuneto de circumstancias providenciaes que nos permitiram, na terceira commemoração anniversaria, installar a nova séde com a sua annexa Bibliotheca.

Sociedade nóva, exercitando a actividade num meio tambem em formação, onde os embaraços de toda sorte avuitam, e o indifferentismo, quando não a hostilidade mesmo, se oppõe surdamente a todas as iniciativas, muito é que o “Centro” tenha podido dar, em tão breve espaço de tempo, cumprimento a um dos mais importantes pontos do seu programma, qual o inserto no n. 4 do art. 2º do nosso estatuto basilar.

Lembre-mos que a Academia Brasileira de Letras, nobre exemplo e paradigma das associações belletristicas nacionaes, antes de ser a legataria do livreiro Francisco Alves e receber do Governo Francês a dadiva preciosa do Petit Trianon, hoje o sumptuoso Palacio das Letras patrias, andou, daqui para acolá, em salas de emprestimo, chegando a abrigar-se até no escriptorio de advocacia de um dos seus membros fundadores, conforme nol-o relatou Rodrigo Octavio, em interessante e suggestivo discurso proferido na sessão de saudades com que a illustre companhia se despediu do Syllogeu, em Dezembro do anno pp.

Sirva esta salutar rememoração de advertencia a quem, por ventura, faça reparo no modesto e desataviado de nossa installação e, a um só tempo, de estímulo ao nosso esforço para que se não orgulhe e satisfaça com o que têmos conseguido nem se afrouxe e entibie ante o que nos falta ainda conseguir.

Permitti que nesta hora de justas expansões intimas para nós, vos evoque, em ligeiro retrospecto, o historico de nossa séde, de molde a que fiquem aqui assignalados, em paga á nossa divida de gratidão, os nomes dos que, directa ou indirectamente, contribuíram para a consecução do nosso *desideratum*.

—A SÉDE DO CENTRO—  
—TRABALHOS PARA A SUA CONSECUÇÃO—  
—A BIBLIOTHECA—

Logo na primeira sessão ordinaria, realisada a 18 de Setembro de 1921, onze dias apenas decorridos sobre a sua installação, constituiu o “Centro”, por suggestão desta Presidencia, uma Commissão composta dos sócios Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa, Manoel Paes de Oliveira e José Raul Vilá, “ encarregada de obter por intermedio do Presidente do Estado uma sala para sua installação e funcionamento de suas sessões.”

A Commissão dando conta, na sessão immediata, de 23 de Outubro daquelle anno, da incumbencia que recebera, declarava ter obtido “ assentimento do Governo com relação á installação provisoria do “Centro” no edificio em que funciona a Directoria Geral da Instrucção Publica.”

Estava dado o primeiro passo para a realização do ideal collimado, graças ao dilligente esforço da Commissão supra referida que, por sua vez, encontrou na pessoa do então Presidente do Estado, nosso consocio e Presidente de honra D. Aquino Corrêa, toda a bôa vontade no sentido de favorecer o “Centro.”

Lançado o gremem da idéa, o mais seria obra do terreno fertil ou virtude da bôa semente.

E assim foi. Em dias do corrente anno, obteve o “Centro”, por doação, a bibliotheca da “ Associação Li-

teraria Cuyabana", sociedade que, durante mais de tres decadas, preencheu um capitulo da historia de nossa evoluçao mental, prestando relevantes e inestimaveis servicos á nossa cultura.

Desnecessario se faz encarecer-vos o valor de semelhante offerta, pois elle ahi está patente aos vossos olhos, nesse solido e custoso mobiliario e nessa preciosa collectanea de cerca de setecentos volumes, que fizeram desde logo da Associação Literaria a maior e melhor contribuinte na formação da nossa Bibliotheca.

Concorreram para essa dadiva e é de justiça lhes fiquem aqui os nomes consignados o Sr. Major Manoel Ferreira da Costa, Presidente da "Associação" e o nosso confrade Alcindo de Camargo, a cuja acção rendemos os nossos encomios e agradecimentos.

Recebido pelo "Centro" o estimavel donativo, tornava-se mister cogitar de alojalo convenientemente, proceder-lhe á catalogação e provêr, enfim, á sua conservação e utilização.

A sala, porem, destinada á séde do "Centro", bem como o edificio em sua parte externa, estavam a exigir serios reparos, não se prestando, nas condições em que se encontravam, a ser a séde de uma sociedade que, pela sua propria natureza, não póde prescindir do lado esthetico das cousas.

Eis que vem ao encontro dessa necessidade a solicitude do nosso distincto confrade Dr. Virgilio Corrêa Filho, Secretario Geral do Estado e Vice-Presidente deste "Centro", que se promptificou a mandar proceder, pela Directoria de Obras Publicas, aos concertos e limpeza de que carecia a nossa séde.

Para completar a Bibliotheca, desfalcada de algumas prateleiras, correu, generosa, em expontaneas e avultadas offertas, a bôa vontade de varios dos nossos consocios e até mesmo de pessoas extranhas ao "Centro", que assim se revelaram dignos incentivadores da

cultura intellectual patricia e merecedores, uns e outras, de nosso imperecível reconhecimento.

Devidamente autorizado pela Meza, comissionei o Procurador Sr. Benedicto Augusto Landom para proceder á catalogação das obras de nossa Bibliotheca, tendo o mesmo, sob minha direcção e auxiliado pelo Zelador do "Centro", Sr. Joaquim de Mendonça, organizado, em prazo relativamente curto, o censo geral e alphabetico das obras, classificadas por autores e numeros de volumes existentes.

Assim é que se póde hoje precisar, através dos dados estatisticos que se seguem, o numero de obras e volumes que constituem, na data da sua installação, a Bibliotheca do "Centro Mattogrossense de Letras"

Obras recebidas da Associação Literaria Cuiabana.	425
« oferecidas pelos sócios e mais pessoas	150
Volumes recebidos da Associação Literaria Cuiabana	712
« offerecidos pelos sócios e mais pessoas...	161
Total das obras. . . . .	.575
« dos volumes. . . . .	.873

Conforme deliberastes, em sessão de 6 de Abril ultimo, foi constituida uma Comissão encarregada de receber, em nome do "Centro", a Bibliotheca da Associação Literaria Cuyabana", a qual ficou composta dos sócios Prof. Philogonio Corrêa, Tte. Cel. Antonio Fernandes de Souza e Alcindo de Camargo, sendo este ultimo investido igualmente das funcções de Bibliothecario.

### A REVISTA

Fôram publicados, no correr do anno social 1923 — 24, com a maxima pontualidade, os n.<sup>os</sup> 4 e 5 da "Revista do Centro Mattogrossense de Letras", correspondentes ao 2.<sup>o</sup> semestre de 1923 e 1.<sup>o</sup> de 1924, devendo, ainda este mez,

entrar para o prélo o nº 6, relativo ao 2º semestre do anno fluente.

A "Revista continúa a ser publicada nas officinas das "Escolas Profissionais Salesianas" correndo-lhe as despesas de publicação pela verba com que o Estado subvenciona a nossa sociedade, coberto o pequeno *deficit* existente com os nosos recursos ordinarios.

### AS CONFERENCIAS

Proseguindo na execução do seu programma, na parte referente ao culto civico instituido pelo art. 2º nº XI dos Estatutos, realizou o "Centro" mais duas conferencias, em data de 12 de Outubro de 1923 e 29 de Maio de 1924, nas quaes os sócios Drs. Octavio da Cunha Cavalcanti e Palmyro Pimenta fizeram, respectivamente, o elogio dos seus patronos Manoel Esperidião da Costa Marques e Prudencio Giraldes Tavares da Veiga Cabral.

### VAGA E ELEIÇÃO

Declarada vaga nos termos do art. 3 § 5 do nosso pacto societário, a cadeira n. 5, de que é patrono Francisco Catharino Teixeira de Brito, em virtude de haver transferido a sua residencia para o Sul do Estado a nossa distincta consócia D. Anna Luiza Prado Bastos, foi posta em concurso a mesma cadeira e, decorrido o prazo, procedeu-se a eleição, em sessão de 6 de Abril transacto, resultando eleito, por unanimidade, o nosso illustrado conterraneo Prof. Isac Póvoas, cuja pòsse se deverá effectuar a 15 de Novembro futuro.

### REGIMENTO INTERNO

Tendo o "Centro" na sua ultima sessão nomeado uma Commissão composta dos sócios Alcindo de Ca-

margo, Cesario Prado, José Vilá e Dr. Oscarino Ramos para, sob minha presidencia, elaborar um projecto de Regimento interno, deu a mesma Commissão andamento aos seus trabalhos com a necessaria prestesa de modo a poder hoje apresentar o projecto de Regimento, que, aprovado, com as modificações que achardes convenientes, entrará opportunamente em vigôr, preenchemdo, dest'arte, sensivel lacuna que se fazia sentir na vida de nossa sociedade.

### LIVRO DE MATRICULA DOS SOCIOS

Deliberação tomada igualmente na ultima sessão, o Livro de matricula dos sócios, a cargo do nosso esforçado 1º Secretario Prof. Philogonio Corrêa, já vae tendo o devido andamento, não se achando ainda completo em razão da dificuldade em obter dados attinentes aos sócios que se encontram fóra da capital.

### RELAÇÕES COM O GOVERNO E COM OUTRAS SOCIEDADES

São as melhores as nossas relações com o Governo do Estado, de quem o "Centro" tem recebido inequivocas provas de distincção, que sobre maneira nos penhoram.

Sem nos referirmos á dotação orçamentaria, mantida na lei annua para o exercicio vindouro, a qual nos tem assegurado uma situação folgada, de molde a comportar despesas eventuaes, como as de installação da séde, sem prejuizo dos encargos ordinarios, são ainda de salientar-se as generosas referencias com que, em mais de uma circumstancia, tem honrado o "Centro" o venerando cidadão que preside, com descortino e seguro criterio, os destinos do Estado.

Cordialissimas igualmente têm sido as relações do "Centro" com as sociedades congeneres de Matto-

Grosso e de fóra do Estado, sobrelevando notar a Academia Brasileira de Letras, o mais alto expoente da literatura nacional, que tem distinguido o "Centro" com sensibilissimas provas de deferente estima.

Quando, em dias de Dezembro do anno findo, tive a honra de, em nome do "Centro", visitar aquella douta corporação, ouvi a varios dos seus membros, nomeadamente ao seu então Presidente Dr. Afranio Peixoto, expressões assás lisongeiras á nossa incipiente sociedade, tendo conseguido, nessa occasião, a remessa de uma valiosa collecção da "Revista" da mesma Academia e outras publicações academicas que hoje exornam a nossa Bibliotheca.

Espero que de tal aproximação muito terá a lucrar o "Centro" conhecendo de mais perto o trabalho confortador daquela Academia e, por outro lado, fazendo conhecer lá fóra a nossa literatura.

### PROPAGANDA LITERARIA

Por essa mesma occasião coube-me a satisfação de, a convite do nossa illustre patricio Dr. Mario Corrêa da Costa, proferir em sessão solemne do "Centro Mattogrossense", do Rio de Janeiro, uma conferencia na qual, accentuando o character de Presidente deste "Centro de Letras" de que me achava revestido, procurei fazer um trabalho de vulgarização de nossa literatura, dando a conhecer aos nossos patricios residentes na Capital do paiz, a evolução literaria de Matto Grosso, particularmente na phase actual.

Nesse trabalho, que não considero meu e sim do "Centro de Letras", visto representar uma das obrigações estatuidas no nosso programma—a propaganda literaria de Matto Grosso—salientei, em ligeiro escorso, a obra realisada pela nova geração, atravez dos seus nomes representativos nos diversos ramos da actividade mental.

## COMMISSÃO DE BRASILEIRISMOS

Em attenção a um appello feito a este "Centro" pela respectiva Commissão e, ao depois, a mim pessoalmente reiterado pelo Dr. Medeiros e Albuquerque, Presidente que era da mesma, constituimos, em sessão de 6 de Abril ultimo, uma Commissão especial, composta dos socios Dr. Virgilio Corrêa Filho, Major Ovidio Corrêa e Cesario Prado, para organizar a contribuição do "Centro" ao "Diccionario de Brasileirismo" da Academia de Letras.

Dada a capacidade de trabalho dos membros da Commissão e o interesse que deve despertar essa materia, aliás componente de dois numeros do nosso programma ( art. 2. ns. VII e VIII ), é de se esperar que farto e valioso contingente possamos enviar á Academia.

Seára mui pouco lavrada, mas vastissima e feraz, o nosso phraseado curioso e pinturesco offerecerá aos estudiosos de idioma patrio, nas suas variantes dialectaes, um campo fertilissimo de ensaios, e o "Centro" acolherá gostosamente toda e qualquer collaboração, mesmo de outras pessôas que se dediquem a taes investigações

## SUB-COMMISSÃO DE BIBLIOGRAPHIA

Vão proseguindo tambem os trabalhos desta Sub-Commissão organizada no Estado, sob os auspicios do "Centro de Letras", correspondendo ao convite a mim dirigido pela "Commissão de Bibliographia" da Academia Brasileira de Letras, que tem actualmente como Presidente o illustre Conde de Affonso Celso.

Durante o anno social findo realizou a Sub-Commissão várias sessões, com a presença de quasi todos os vogaes, parecendo, á vista do andamento dos respec-

tivos trabalhos, que até o fim do corrente anno poderemos remetter os dados informativos concernentes á bibliographia mattogrossense.

### PARTE FINANCEIRA

Vago o lugar de Thesoureiro pelo retirada desta capital do nosso confrade Prof. Franklim Cassiano da Silva, ficou a gestão financeira do "Centro" confiada ao Procurador e Agente da Revista Sr. Benedicto A. Londo, que já vinha servindo nesses cargos desde o exercicio anterior.

Do annexo balancete que regista fielmente e com bastante precisão toda a vida economico-financeira do "Centro" vereis qual tem sido a actuação daquelle funcionario nas varias incumbencias que lhe foram affectas.

Accusa o balancete referido um saldo a favor do "Centro" na importancia de 1:403\$920, que testemunha, alem do zêlo e actividade do nosso exactor, a lisongeira e auspiciosa situação financeira do "Centro" que, livre de quasquer compromissos, vê iniciada, com probabilidade de augmento satisfatorio, a constituição do seu patrimonio social

### CONCLUSÃO

Ahi tendes, meus caros amigos e confrades, em suas linhas geraes, os pontos de referencia a assignallar, atravez do estádio percorrido, o trabalho realizado pelo "Centro"

Delles vereis que, ante as difficuldades naturaes do meio e da época infensa a emprehendimentos que não envolvam interesses questuarios, muita cousa, relativamente, temos conseguido levar a effeito. Lançae-a em conta do vosso assiduo e prestante concurso, que

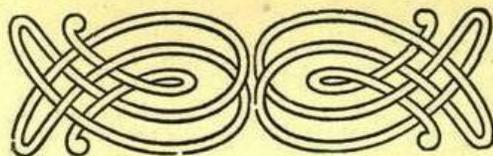
é o unico elemento com que têmos contado para, vencendo os obices da rotina e da má vontade, realizarmos, com efficiencia e perseverança, o nosso programma inicial.

Continuae, pois, a assistir-nos com esse desvelado concurso para que, levando de vencida as barreiras que os espiritos retrogrados, frivolos e malevolentes buscam antepôr á nossa marcha, prosigamos denodada e galhardamente rumo á Chanaan dos nossos sonhos —a grandeza de Matto Grosso pela elevação da sua cultura intellectual.

Cuyabá, 7 de Setembro de 1924

*José de Mesquita*

Presidente



# REGIMENTO INTERNO

DO

Centro Matto-Grossense de Letras

Regimento Interno  
DO  
CENTRO MATTOGROSSENSE DE LETRAS

Aprovado em sessão de 8 de Fevereiro de 1925

TITULO I

*Da Direcção do Centro*

- Art. 1.º—O Centro Mattogrossense de Letras, fundado em Cuyabá, a 22 de Maio de 1921 e installado a 7 de Setembro do mesmo anno, tem, como seu órgão administrativo, uma Directoria composta de um Presidente, um Vice-Presidente, um 1.º e um 2.º Secretario e um Thesoureiro.
- Art. 2.º—Alem da Directoria funcionarão, com as attribuições que lhes são proprias, tres Comissões especiaes encarregadas, respectivamente, da elaboração do orçamento, do exame das propostas para a admissão de socios e da redacção da Revista.
- Art. 3.º—O Centro terá ainda como funcionarios auxiliares da Directoria, um Bibliothecario, um Procurador, um Agente da Revista e um Zelador.

CAPITULO I

*Da Directoria*

- Art. 4.º—A' Directoria, como supremo órgão de administração do Centro, compete:
- I) receber as apresentações ou propostas para socios effectivos ou correspondentes;
  - II) declarar vagas as cadeiras nos casos expressos dos arts. 3 § 5.º e 20 dos Estatutos;

- III) convocar sessões extraordinarias, em casos de necessidade ou a requerimento de tres ou mais socios effectivos;
- IV) decidir, em grau de recurso definitivo, as reclamações dos socios acerca das deliberações da Commissão de Redacção;
- V) exercer o direito de censura sobre os trabalhos a serem proferidos nas sessões publicas, os quaes deverão ser lidos á Mesa com antecedencia de oito dias pelo menos;
- VI) praticar todas as attribuições que pelo Estatutos ou por este Regimento não tenham sido commettidas privativamente a qualquer de seus membros, commissões ou funcionarios auxiliares.

## SECÇÃO I

### *Do Presidente e do Vice-Presidente*

Art. 5.º—Ao Presidente compete:

- I) dirigir os trabalhos do Centro, presidindo-lhe as sessões e velando pela fiel observancia dos seus Estatutos e mais disposições regimentaes;
- II) superintender todos os negocios do Centro, quer na sua administração interna, quer nas suas relações externas;
- III) representar o Centro judicial e extrajudicial, activa e passivamente, na conformidade das leis civis em vigor;
- IV) exercitar, em nome da Mesa, em casos de urgencia, as funcções que á mesma cabem privativamente, sujeitando os seus actos á referenda da mesma;
- V) interpôr o voto de qualidade quando houver empate nas deliberações em sessão, quer da Assembléa, quer da Directoria;
- VI) provêr os cargos da Mesa e das Commissões, em caso de vacancia, submettendo o acto á approvação do Centro;
- VII) nomear e demittir livremente os funcionarios auxiliares da Mesa, conceder-lhes licenças e dar-lhes substitutos interinos;
- VIII) rubricar os livros da sociedade e despachar todo o expediente da mesma;

IX) determinar a convocação das sessões ordinarias e bem assim a publicação dos avisos e editaes referentes ás eleições e outros assumptos de economia interna;

X) apresentar annualmente, na sessão de posse da Directoria, um circunstanciado Relatorio dos trabalhos do Centro;

XI) representar a associação em actos festivos ou funebres ou designar quem o deva fazer;

XII) tomar todas as providencias attinentes á boa marcha do serviço, podendo, em casos de necessidade, ordenar as despezas extraordinarias de character urgente, sujeitas ao *veredictum* da Mesa.

Art. 6.º—O Vice-Presidente substituirá o Presidente em suas faltas ou impedimentos.

## SECÇÃO II

### *Dos Secretarios*

Art. 7.º—Ao 1.º Secretario compete:

- I) dirigir todo o expediente da Secretaria;
- II) redigir e assignar a correspondencia official do Centro e providenciar a sua remessa;
- III) escripturar o livro de matricula dos socios, fazendo nelle as devidas annotações e alterações;
- IV) ter a seu cargo, devidamente escripturado, um livro de registro da correspondencia expedida;
- V) conservar sob sua guarda, devidamente catalogado, o archivo do Centro;
- VI) proceder á apuração das eleições, auxiliado pelo 2.º Secretario.

Art. 8.º—Ao 2.º Secretario compete:

- I) redigir as actas e lêl-as em sessão;
- II) fazer a leitura do expediente em mesa e providenciar o seu encaminhamento;
- III) trazer em bôa ordem os livros a seu cargo;
- IV) providenciar a publicação dos convites para as sessões festivas, editaes de concurso, convocações de sessões e demais avisos pela imprensa.

Art. 9.º—Os Secretarios se substituem reciprocamente e substituirão, na falta do Vice-Presidente, o Presidente, observada a ordem de sua successão.

### SECÇÃO III

#### *Do Thesoureiro*

Art. 10.º—Ao Thesoureiro compete:

- I) conservar sob sua guarda o patrimonio do Centro, quer o proveniente de sua renda ordinaria, quer o constituido por doação ou aquisição de outra natureza;
- II) superintender todo o serviço de arrecadação de joias, mensalidades, assignaturas, annuncios e venda avulsa da Revista, por intermedio do Procurador e do Agente da Revista, aos quaes dará as necessarias ordens e instrucções, podendo representar á Presidencia sobre qualquer falta em que incorram;
- III) effectuar os pagamentos de accordo com as verbas orçamentarias e bem assim os de despezas extraordinarias autorisadas pela Presidencia;
- IV) escripturar, nos livros competentes, todo o activo e passivo do Centro e seu movimento financeiro;
- V) apresentar ao Presidente o balanço annual de sua gestão, por occasião da renovação do mandato da Directoria;
- VI) receber quaesquer donativos ou subvenções, em dinheiro, titulos ou outras especies, offerecidos ao Centro, dando recibos ou assignando documentos, termos ou escripturas.

Art. 11.º—O Thesoureiro poderá, quando conveniente, delegar ao Procurador as funcções que lhe cabem, em virtude do art. 10. n. VI.

Art. 12.º—O Thesoureiro substituirá o Presidente, na falta dos mesarios que o antecedem, e será substituido, em suas faltas ou impedimentos, por designação da Presidencia.

## CAPITULO I I

*Das Commissões*

- Art. 13.º—As Commissões de finanças, admissão de socios e redacção da Revista, creadas pelo art. 11 dos Estatutos e a que se refere o art. 2.º deste Regimento, serão eleitas na mesma sessão de eleição da Directoria.
- Art. 14.º—Cada Commissão compor-se-á de tres membros, que e-legerão seu Presidente, cabendo a este convocar as sessões sempre que julgar necessario, designar secretario e ter voto de qualidade nas deliberações.

## SECÇÃO I

*Da Commissão de finanças*

- Art. 15.º—A Commissão de finanças terá a seu encargo a superintendencia e fiscalisação immediata dos interesses economicos do Centro, exercitando as seguintes funcções:
- I) organizar e submeter á approvação da Directoria a proposta do orçamento annual, fazendo constar sempre no capitulo de despeza a verba "eventuaes" afim de que por essa verba as despezas occasionaes não previstas por outra possam ser realisadas sem prejuizo de um "superavit" que o orçamento indicará e se destinará ao fundo patrimonial do Centro ;
  - II) examinar e relatar os balanços e prestações de contas do Thesoureiro, dando parecer sobre a sua approvação ou não pela Directoria ;
  - III) organizar um arrolamento completo dos bens do Centro, moveis, immoveis ou de consumo, sob a responsabilidade do thesoureiro, do bibliothecario e de outros responsaveis, de maneira a facilitar em qualquer epoca o conhecimento do activo e passivo social.

## SECÇÃO I I

*Da Commissão de admissão*

- Art. 16.º—Caberá á commissão de admissão receber as propostas de inscripção de socios effectivos ou correspondentes, dando circumstanciado parecer sobre as producções literarias

dos candidatos, salientando-lhes os defeitos ou merecimentos, concluindo pela sua admissão ou rejeição a ser decidida pela Assembléa dos socios na forma dos Estatutos.

### SECÇÃO III

#### *Da Commissão de Redacção*

Art. 17.º—A Commissão de redacção da Revista exercerá as seguintes funcções:

- I) redigir collectiva ou isoladamente, sendo neste caso assignado pelo redactor exclusivo, o prefacio da Revista ;
- II) elaborár notas informativas sobre autores desaparecidos ou sobre trabalhos ineditos ;
- III) organizar o plano de cada numero, com a conveniente disposição da materia, o respectivo summario, attendendo á ordem chronologica dos trabalhos lidos nas sessões publicas do Centro, cuja publicação independerá do seu julgamento ;
- IV) julgar os trabalhos, quer de consocios ou de extranhos, ainda não lidos nas sessões acima referidas e resolver sobre a sua publicação, cabendo de suas decisões recurso para a Directoria ;
- V) receber e expedir a correspondencia da Revista e praticar os actos pertinentes á sua publicação, tirantes os relativos á gerencia financeira.

### CAPITULO III

#### *Dos funcionarios auxiliares*

### SECÇÃO I

#### *Do Bibliothecario*

Art. 18.º—A bibliotheca funcionará todos os dias uteis das 9 ás 11 da manhã e das 7 ás 9 da noite ; nos domingos e feriados, de 1 ás 4 horas.

Art. 19.º—Ao Bibliothecario compete:

- I) Zelar pela conservação dos livros, impressos e manuscritos da Bibliotheca e catalogal-os precisamente ;
- II) Registrar o movimento da Bibliotheca, especializando o genero das obras consultadas ;
- III) apresentar, semestralmente, um quadro demonstrativo do movimento da Bibliotheca, ao Presidente do Centro ;
- IV) communicar, ao Presidente do Centro, a responsabilidade em que se achar qualquer socio pelo extravio dos livros ou sua damnificação, declarando o valor da obra extraviada ;
- V) Requisitar ao Presidente do Centro os objectos necessarios ao expediente da Bibliotheca, mediante recibo ;
- VI) manter correspondencia com as bibliothecas do Paiz e do estrangeiro, sociedades literarias e scientificas e orgãos da imprensa, solicitando-lhes a remessa de suas publicações ;
- VII) prohibir expressamente palestras no recinto de leitura ;
- VIII) organizar uma sessão especial de obras de autores ou assumptos mattogrossenses ;
- IX) ter devidamente escripturado um livro de doações e compras de obras ; um livro de visitas ; um livro de catalogo e um livro de carga e descarga para assignatura dos responsaveis.

Art. 20º—E' direito exclusivo dos socios do Centro a retirada de livros da Bibliotheca pelo praso de 15 dias, prorogaveis a criterio do Bibliothecario, facultada ás pessoas estranhas a consulta das obras na séde do Centro.

§ unico—Os dictionarios, as revistas de facil extravio, os jornaes não encadernados, e os manuscritos não poderão sahir da Bibliotheca.

## SECÇÃO I I

### *Do Procurador e Agente da Revista*

Art. 21º—Ao Procurador compete:

- I) proceder á arrecadação das joias e mensalidades dos socios effectivos e correspondentes, assignando as respectivas quitações ;
- II) escripturar a receita arrecadada e a despeza effectuada ;

III) organizar um registro das joias e mensalidades do qual constem detalhadamente todos os factos referentes a esse assumpto ;

IV) prestar mensalmente contas ao Thesoureiro do movimento occorrido, fazendo-lhe entrega do saldo, acompanhado de uma nota demonstrativa ;

V) apresentar annualmente ao Thesoureiro, por occasião da posse da Mesa, um balancete da receita e despesa e uma relação dos socios em atraso com as suas contribuições, bem como a importancia discriminada desse atraso.

Art. 22.º—Ao Agente da Revista compete:

I) exercer a gestão financeira da Revista, effectuando a arrecadação das importancias devidas pelas assignaturas, vendas avulsas e annuncios ;

II) ter a seu cargo, devidamente escripturados, um livro Caixa, um Registro de assignaturas e distribuição gratuita, um de annuncios e outro de entrada e sahida de Revistas ;

III) providenciar a distribuição da Revista, logo que lhe seja entregue pela officina editora, de accordo com a relação previamente organizada dos socios, assignantes e pessoas ou sociedades que devam receber gratuitamente a mesma Revista ;

IV) effectuar, por conta do Centro, os pagamentos referentes ao papel, impressão e distribuição gratuita, correndo á sua conta as demais despesas concernentes á distribuição da Revista ;

V) prestar, mensalmente, contas da sua gestão ao Thesoureiro, entregando-lhe o saldo acompanhado de nota explicativa, e, annualmente, um balancete da Receita e Despesa da Revista.

Art. 23.º—Os cargos de Procurador e Agente da Revista poderão ser exercidos, cumulativamente, pela mesma pessoa, que, nesse caso, fará englobadamente a sua escripta de Receita e Despesa e as suas prestações de contas.

Art. 24.º—O Procurador e o Agente da Revista terão direito a uma porcentagem razoavel estabelecida pela Mesa sobre as arrecadações, e bem assim a um exemplar de cada edição da Revista.

## SECÇÃO III

*Do Zelador*

Art. 25.<sup>o</sup>—Ao Zelador incumbe:

I) tratar da conservação, ordem e limpeza da séde do Centro, bem como da respectiva bibliotheca;

II) conservar aberta a séde do Centro nos dias de sessão e durante as horas destinadas á leitura e consultas na bibliotheca;

III) permanecer na séde durante as horas do expediente, dando exacto cumprimento ás determinações do Presidente e do Bibliothecario, no tocante ao serviço interno e externo do Centro;

IV) não permittir a entrada na séde a pessoa que não esteja convenientemente trajada, ou que, pela sua condição, não possa nella ter ingresso.

Art. 26.<sup>o</sup>—O Zelador terá os vencimentos que fôrem fixados no orçamento, sendo substituído, em suas faltas ou impedimentos, por designação da Presidencia.

## TITULO II

*Dos Socios*

Art. 27.<sup>o</sup>—Os socios do Centro são effectivos ou correspondentes, sendo os primeiros em numero de 24 e illimitado o numero dos segundos.

## CAPITULO I

*Dos socios effectivos*

Art. 28.<sup>o</sup>—Os socios effectivos, depois, de empossados, ficam sujeitos aos seguintes deveres:

I) comparecer assiduamente ás sessões do Centro;

II) exercer todos os cargos e commissões que lhes forem delegados pela Mesa ou para os quaes tenham sido eleitos;

III) satisfazer as obrigações pecuniarias constantes da joia e das mensalidades;

IV) communicar á Mesa, para os efeitos do art. 3.º ns. 3, 4 e 5 dos Estatutos, o seu afastamento temporario ou mudança definitiva de domicilio.

Art. 29.º—Incluem-se nos direitos dos socios effectivos:

I) a collaboração na Revista do Centro e o recebimento gratuito desta;

II) a utilização da bibliotheca, nos termos deste Regimento;

III) a apresentação de propostas e suggestões nas sessões do Centro;

IV) a faculdade de votar e ser votado para quaesquer cargos da Mesa ou das Commissões;

V) os lugares especiaes nas sessões solemnes do Centro.

## CAPITULO I I

### *Dos socios correspondentes*

Art. 30.º—Os socios correspondentes, depois da acceitação expressa do cargo, ficam obrigados a

I) propugnar pelos interesses do Centro, propagando os principios contidos nos seus Estatutos, pela imprensa ou pela tribuna;

II) pagar a joia estabelecida nos Estatutos;

III) fazer propaganda da Revista e mais trabalhos editados pelo Centro.

Art. 31.—Os socios correspondentes têm direito a um exemplar da Revista do Centro na qual collaborarão e poderão, quando de passagem pela séde, tomar parte nas sessões ordinarias do mesmo, sem voto deliberativo, cabendo-lhes nas sessões festivas lugar especial, como aos effectivos.

## TITULO I I I

### *Das sessões*

Art. 32.º—O Centro Mattogrossense de Letras funcionará todo o anno, sendo as suas sessões ordinarias realizadas mensalmente, em dia e hora previamente annunciados.

- Art. 33.º—A juizo da Directoria, para tratar de assumptos urgentes, poderá o Centro reunir-se em sessão extraordinaria, em qualquer dia e hora.
- Art. 34.º—Haverá, igualmente sessões da Directoria que serão convocadas pelo Presidente para tratar de assumptos da sua competencia privativa.
- Art. 35.º—As sessões só poderão realizar-se com a presença no minimo de tres socios, dos quaes um da Directoria, exceptuando-se as de eleição da Mesa e de socio effectivo, as quaes só poderão funcionar com a presença de tres socios; podenco, todavia, deliberar com qualquer numero na terceira convocação.
- Art. 36.º—Nas sessões de eleição serão computados os votos enviados em cartas e telegrammas.
- Art. 37.º—Para as sessões solemnes, de posse ou commemoração litteraria, serão convidados, pessoalmente, por uma Commissão, o Chefe de Estado e o Presidente de Honra, cabendo ao primeiro a presidencia da sessão e a direcção dos trabalhos ao Presidente do Centro.
- § 1.º—Nas sessões de posse de socio effectivo terá assento na Mesa o socio incumbido de o receber.
- § 2.º—O Presidente do Centro nomeará uma commissão para introduzir na sala das sessões o novo socio.

### DISPOSIÇÕES GERAES

- Art. 38.º—O Centro Mattogrossense de Letras adopta como seu *ex-libris* e brazão uma rosa e um livro aberto, com a inscripção latina: "*Pulchritudinis studium habentes*"
- Art. 39.º—Sempre que fôr possivel o Centro promoverà, alem das sessões festivas, leituras publicas de trabalhos dos socios, na sua séde social, as quaes serão franqueadas a todos os que as queiram assistir.
- Art. 40.º—O Centro patrocinará a formação de sociedades musicas e theatraes, a representação de peças dos socios ou pessoas extranhas, de preferencia acerca de costumes regionaes e manterá na sua Revista uma sessão destinada a publicar trabalhos dos novos, ao lado de outras duas em que se ar-

chivem produções de escriptores desaparecidos e assumptos de actualidade.

Art. 41.º—Este Regimento só poderá ser reformado, em todo ou em parte, mediante proposta assignada por um terço, no minimo, dos socios presentes na Capital e approvada, em tres discussões, pela maioria absoluta dos socios effectivos.

Cuyabà, 8 de Fevereiro de 1925.

(A. a) José de Mesquita  
Virgilio Corrêa Filho  
Philogonio de S. Corrêa  
Oscarino Ramos  
Ovidio de S. Corrêa  
Cesario C. da S. Prado  
Antonio F. de Souza  
Alcindo de Camargo  
Franklin C. da Silva



# **Bibliographia**

## VIGENTE L. CARDOSO

Pensamentos brasileiros, 1924.

Vultos e ideias, 1924.

Rehabilitado o Brasil da pecha de paiz perdido que lhe assacam aze-dos pessimistas, a moderna geração arma-se de optimismo criador para enfrentar as dificuldades da hora presente, e preparar as bases de melhor vida futura.

E forma-se a legião dos batalhadores do Ideal, em que se arremetaram poetas, prosadores, artistas e doutrinadores de varias tendencias.

Entre os demais sobreleva, como *leader*, a energia moça de Vicente L. Cardoso, um engenheiro, que levou para as letras o mesmo raciocínio seguro, a que se lhe afizera o espirito no estudo em que se laureou com as palmas academicas. Outros serão, por ventura, mais brilhantes de fôrma, ou mais elegantes na expressão; este, ao contrario dos malabaristas de palavras, apenas cuida, e com amor, das suas ideias.

Talvez não tenha lido nenhuma *arte de escrever*, mas aprendeu, com segurança, a pensar gravemente nas questões, antes de as ventilar em publico.

Sem que tivesse "nunca publicado um soneto e sem haver escripto artigo algum de jornal", levou ao prelo, em 1918, um livro—*Philosophia da Arte*—, que evidenciava a firmeza das suas reflexões, bem que expostas em linguagem algum tanto nephili-bata.

Depois, viajou pelos livros e pelo mundo, observou de perto os problemas europeos e a technica allemã, impregnou-se de literatura elevada, e clareou a exposição nos estudos que pousadamente ia confiando á imprensa.

Reuniu-os em volume, a que poz nome de *Pensamentos Brasileiros*, "pela razão simples de que só um brasileiro os poderia ter meditado e composto," como explica, no limiar.

Era desnecessaria a justificativa.

A simples leitura destes ensaios evidencia o brasileirismo sadio de Cardoso, que procura por toda a parte resolver os problemas de que depende o engrandecimento do Brasil.

Si estuda, em resumo empolgante, a acção de Luthero, quando os primeiros clarões do renascimento já arraivavam de luz suave o crepusculo final dos tempos medievos, é para apresentar-o aos leitores, como o "homem que ensinou a lêr ao povo de sua raça, o homem que abriu os conventos ao trabalho da vida, o homem que pregou a liberdade de consciencia individual".

O programma realizado pelo monge rebellado quadra-se ás maravilhas ao feitio de Cardoso, que sente, acima de tudo, a necessidade nacional da educação do povo, do aproveitamento do seu esforço em trabalho efficiente, e da manutenção das características individuaes de cada um.

Orientado por essas ideias basicas,

focaliza o seu espirito curioso nos mais dispaes assumptos, da *theoria da vontade á siderurgia* e ao *ninho do genio* (Beethoven), com o mesmo pragmatismo patriótico de quem apenas buscasse ensinamentos que aproveitem aos seus patricios.

Sabe de raiz o que escreve, seja a proposito da aviação, no *Sonho de Leonardo*, em que fixa de passagem, alguns conceitos acerca da maneira de pensar dos artistas, influenciados pelas suas artes respectivas, (um esculptor *pensa em marmore*, (um pintor *pensa em formas e côres..... Leonardo pensava desenhando*), seja acerca de qualquer dos problemas americanos, que desenvolve no *fio de uma meada*, na synthese magnifica da evolução uruguaya (*de Artigas a Rodó*) ou nas variações em torno do vulto genial de Washington, ou do *Fundador da Republica*, Benjamin Constant.

Nunca desliza ao vulgar, posto que nem sempre lhe sãia irrepreensível a expressão, que se vae melhorando, todavia.

Já nos *Vultos e Ideias*, patenteia-se o aperfeiçoamento da parte literaria dos seus escriptos.

Alíás, quem se mostra, como Cardoso, conhecedor até da literatura exotica, de que traçou esboços ma-

gistraes, a proposito de *Dostoievsky*, e do *ambiente do romance russo*, não tem o direito de menosprezar a roupagem do seu pensamento.

Conta-se, a proposito, de Renan que, interpellado, certa vez, justificou-se de ignorar Comte, cujas obras tinha curiosidade de conhecer, sem o conseguir: a fôrma descuidada do philosopho chofrava o bom gosto do famoso estylista.

A prosa de Cardoso longe está de afastar leitores. Ao contrario, é fluente, movimentada, e, por vezes, bastante colorida.

Mas ainda apresenta senões, que o tempo irá apagando, para resaltar melhor as ideias a que serve de vehiculo.

Derrama-se a espaços, em prolixidades escusaveis e enfeia-se, por vezes, de phraseados espurios.

Quando não alterasse, porém, a sua maneira de composição, nem por isso deixaria de ser um grande espirito, profundamente erudito, e a serviço de nobres causas.

Está por assim dizer no começo de uma trajetoria, que já fulgura no campo da mentalidade brasileira, nobilitando a geração moderna de cujas inquietas aspirações é abalizado interprete.

C. F.

## ALVARO MOREYRA

### *Outro lado da vida—A cidade mulher—Cocaina*

Alvaro Moreyra pertence ao numero "avis-rara" de humoristas e, entre os escriptores nacionaes catalogados no genero, é certo que se aparta em logar muito distincto, já pelo seu optimismo risonho, pelas modalidades estranhas de sua complexa psychê, como pelos raros dons de sua prosa, estylisada em fluctuações de carinhosa poesia, de calidos contactos e aromas de rosas que entontecem...

Ser humorista entre nós é porer pessimismo decalcado em Swift ou gargalhar buffonerias á Mark Twain. Alvaro Moreyra, abrindo excepção, soube equidistanciar-se desses extremos contrarios ao nosso temperamento brasileiro. Por isso está construindo uma obra original na essencia e na fôrma. Encarando o ambiente da especie "homo" e deste as irremediaveis mas bem perdoveis imperfeições, com uma lente

de indulgencia para certos defeitos e outra lente de severidade e sarcasmo, suas paginas por vezes são contradictorias mas sempre cheias de sagacidade na observação de typos e costumes. Vemol-o assim, ora sacudido por um riso muito forte e sarcástico, ora em attitude quasi impassivel, impassibilidade desfeita apenas por leve sorriso benevolente.

Desculpamos toda sua ironia, percebendo-lhe o manejo dessa arma até contra si mesmo.

Descreve, por exemplo, o entardecer á beira mar e a sua silenciosa contemplação da praia, do mar e do céu e dos navios e das nuvens que passam. E conclúe em adoravel eutrapelia: "E fico a vêr navios... E' o que tenho feito em toda a minha vida..."

Diante disso, que mal na pouca generosidade daquella pagina "A Pratica?" Vale a pena relembrar-a.

E' um candidato a escriptor na redacção de um semanario:

"Estendeu o verso--quatro folhas de papel cheias. O outro leu as quatro folhas. Restituiu-as, depois:

—Desculpe, sim? A metrificacção está errada e ha varios pronomes fóra de logar. Além disso...

—Eu sei, eu sei. Mas é por falta de pratica. Quando eu tiver pratica, farei melhor. Sou um principiante.

O senhor corrija, que eu não me importo.

—Impossivel.

O moço quiz fallar ainda. Não fallou.

Sahiu, indignado

Daqui a uns annos, estará celebre O que lhe falta, elle bem sabe, é a pratica..."

"O outro lado da vida" é assim um livro de paginas ironicas e de critica á typos e costumes muito do nosso meio.

Sem taes intuitos de critica e educação, feito, parece, no gosto da arte pela arte, corrige e educa entretanto. Não ferindo as susceptibilidades do leitor, mas occultando seus propositos ou designios, si é que os

tem, sua arte, abstrahindo-se de pessoas e lançando suas grandes linhas geraes, põe em relevo os defeitos e ridiculos humanos sem alterar-nos a sympathia pelo autor, tanta a dissimulação de seus processos que ficamos vendo o "cutro" e nunca nos mesmos.

Ha no "O outro lado da vida" a "Sala dos incuraveis," dos doidos mansos, e parece-me justo ver-se na loucura outra face da vida quando as suas victimas são "almas ausentes," segundo um autor columbano, mas o peor é que encontramos naquella sala com amigos muito nossos como aquella pobre que não se libertava da paixão pelas *Louises*: "Espero ainda, espero uma que ha de vir, rythmando tudo, doirando tudo... Hade de vir... Como?

Quando? Como as mulheres vêm... quando menos eu a esperar...--Então, baixei a cabeça, para que elle não visse as minhas lagrimas."

Costuma-se comparar Alvaro Moreyra com Machado de Assis. E' caso de se repetir: *Ni cet excès de honneur, ni cet indignité*. Ha certa maldade dos velhos nessa comparação com que buscam diminuir-lhe a originalidade, quando entre um e outro ha tenue linha de afinidade na construcção de periodos curtos, na elegancia da phrase, mas tambem ha profunda separação de temperamento, sadio num, noutra morbido, como ha entre ambos grande dissemelhança de bagagem literaria tanto em volume como na especie. Alvaro Moreyra é um fructo ainda em promessas de sação e só na plenitude do talento será cabivel comparação desse jaez e porte. Por ora caminha para o amadurecimento. Ja na "A Cidade Mulher" está mais seguro dos seus processos, é escriptor mais feito, de riso esfusiante e mais aguda observação como com maior originalidade de concepção.

Aquella "caso tragico de um cha-péo," é de flagrante realismo a estereotypar admiravelmente um vicio muito commum nas palestras brazi-

leiras. Para transcrever aquella pagina como documentação da verve de Alvaro Moreyra, seria necessario transcrever tambem todas as outras em que por igual se lhe afere o inexgotavel humor de todos os seus livros até o ultimo "Cocaina."

Neste porém o que mais prende e fascina o leitor é o estylo de um poeta que fóra do verso ainda conserva a musica, o rythmo, a harmonia da palavra como si andassemos por maciezas de velludos e ondulantes vagos de saudade. Elle vê "pantomimas á beira das arvores, bailados no meio das folhas. Quando a noite caé e as sombras sobem do chão para os ramos, elles adormecem, os jardins poetas..."

A seiva que os anima ascende do fundo da terra e traz-lhes o retorno das vidas floridas e perdidas... Vêm nella, na ancia da resurreição, rosas que encantaram, mãos que foram beijadas, corações ainda batendo... Primavéra! Si tu ficasses sempre!"

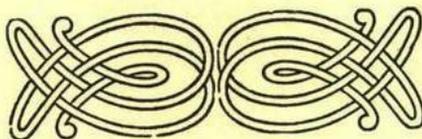
O que o Alvaro lastima que tambem não fique e não retorne, são os dias da alvorada da vida, evocados na saudade das vespera de Natal e na moldura dos seus pagos do

Rio Grande, as horas de Ave-Maria junto ás santas imagens do seu tecto paterno...

A poesia que lateja e canta n'alma do Alvaro Moreyra vem á tonas nessas evocações das paizagens natas, "longas, onduladas, dolentes, de uma vaga melancolia que os umbús tornam quasi humana e as sangas-fazem chorar;" na lembrança de "alguma coisa indizível, pequena alegria de quasi nada... um aperto de mão... certa palavra bôa; na lembrança da Semana Santa, quando o retiro "punha extases no nosso coração; na saudade da "que o déra ao mundo e ficou la-longe e ha de pensar na filha e no filho que não tem mais: uma a morte levou; o outro, levou-o a vida"

E' assim que o poeta vence o humorista e os agudos espinhos da ironia refogem ao contacto das flores da bondade de uma alma sonhadora e irmã gemea do bem e do bello, que por maior esforço em esconder-se la vem uma vez á claridade do dia, como uma agua subterranea que por mais escondida emfim borbulha clara e serena em veios que nos des-sedentam.

*Cesario Prado.*



---

## Publicações Recebidas

---

### Recebemos e agradecemos:

*Revista da Academia Brasileira de Letras (ns. 34 a 37)*

*A Circumscrição militar de Matto-Grosso e o levante de S. Paulo—General Nepomuceno Costa.*

*Elogio do patrono Dr. Vicente Machado—Academia de Letras do Paraná—pelo Dr. J. Vicente Ferreira.*

### JORNAES :

A Cidade—de Corumbá

"A Noticia"

"Gazeta do Commercio"—de Tres Lagôas

"O Correio do Sul"

"O Jornal do Commercio"—de C. Grande

"A Razão"—de Caceres

"O Matto-Grosso"

"A Cruz"

"Correio do Estado"

"Gazeta Official"

"A Vicleta"

"A Cidade"

"A Capital"

"O Fifó" todos desta Capital.

---

**BANCO DO BRASIL**

Capital . . . Rs 100 mil contos

**DEPOSITOS**

O Banco do Brazil abona aos s/ depositantes:  
 Em contas correntes, até Rs. 20:000\$000, com  
 retiradas livres . . . . . 5 %  
 Em contas sem limite, com retiradas livres 3 %  
 « « « « com aviso prévio . . . . . 5 %  
 « Depositos a prazo fixo de 1 anno . . . . . 6 %

O Banco fornece aos s/ depositantes talões de cheques e estabelece todas as facilidades na retirada dos dinheiros em deposito.

**Irmãos Miraglia**

Casa de joias e relógios  
 e artigos de optica  
 Oficinas de relojoeiro  
 e ourives com lapidação de  
 diamantes anexa  
 Bolsas de prata  
 Brilhantes mattogrossenses

**Rua 13 de Junho 27**

TELEPHONE 244

CAIXA POSTAL 43

**Henrique Hesslein & Serge****IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO**

Grande sortimento de  
 artigos estrangeiros e  
 nacionaes

Exportação de Borracha,  
 Ipecacuanha, pennas  
 de garça

**CASA ALLEMÃ****CUIABÁ**